

República Anarquista Carioca

(Alguém tem que tentar explicar porque o carioca não gosta de respeitar nada)

Emerson Rios



ÍNDICE

Sumário

ANARCHOS.....	3
COMENTÁRIOS SARCÁSTICOS INICIAIS	6
TRÂNSITO ANARQUISTA	9
NITERÓI, O CAOS COM ALTO ÍNDICE DE IDH.....	23
BAGUNÇA RESPEITÁVEL.....	24
CABEÇAS RASPADAS E ESTÔMAGOS VAZIOS.....	29
CAMELÔS E OUTROS ANARQUISTAS DAS RUAS.....	31
OS ESPAÇOS VAZIOS DE PODER SÃO OCUPADOS DESORDENADAMENTE	35
O INFERNO DE DANTE É AQUI.....	38
OS ANARQUISTAS DE TERNO E GRAVATA	45
QUANDO SE ESPERAVA QUE NADA MAIS FOSSE ACONTECER, SURGIRAM AS VANS E OS MOTO-TAXIS.	48
E A REPÚBLICA ANARQUISTA BRASILEIRA?	50
A FIFA RESOLVEU FAZER COMO OS TRAFICANTES E TAMBÉM DAR ORDENS POR AQUI	53
ALGUMAS DICAS PARA SER UM ANARQUISTA BRASILEIRO	55



Mikhail Aleksandrovitch Bakunin

(uma das maiores figuras do movimento anarquista em todo mundo. Nasceu na Rússia em 1814)

ANARCHOS

A palavra anarquia vem do grego *anarchos* que significa a desordem decorrente da ausência de governo, mas também quer dizer a falta de necessidade de governo. Caio Túlio Costa, no seu livro "O que é anarquismo?", diz que anarquia, etimologicamente, quer dizer sem governo, sem autoridade, sem superiores.

Anarquistas famosos como Noam Chomsky e Henry David Thoreau difundiam como melhor governo aquele que governasse menos ou que não governasse. Dentro do conceito clássico, segundo os anarquistas, a melhor sociedade seria aquela onde os homens em completa liberdade vivessem em concórdia social. Os próprios homens, sem nenhum governo, definiriam os limites da sociedade. O maior inimigo dos anarquistas é o Estado. Os homens formariam comunas independentes onde todos viveriam livres sem a tutela de nenhum governo. Não haveria o conceito de Estado e muito menos de país.

O mais famoso dos anarquistas foi o russo Michail Alexandrovich Bakunin (1814 - 1876), aquele tão constantemente citado pelo ex-presidente Sarney nas suas constantes crises depressivas. Bakunin não foi o primeiro anarquista, mas certamente é o mais conhecido. Ele correu o mundo defendendo suas ideias, mesmo que para tal precisasse envolver-se em lutas corporais, greves, barricadas, ou fosse o meio que encontrasse para fazer valer os seus ideais. Vivia envolvido numa imensa polêmica com Karl Marx, pois entendia que o comunismo nada mais era do que o fortalecimento do poder do Estado.

Não pretendemos escrever sobre a história do anarquismo. Queremos apenas definir o anarquismo dentro do seu conceito clássico, onde a falta de governo não significa desordem nem bagunça. Em cima desse conceito vamos traçar um paralelo com a sociedade brasileira, onde a omissão do governo nos coloca frente a frente com uma forma deturpada de anarquismo. Aqui forças paralelas se sobrepõem ao poder do Estado, que ao não cumprir o seu papel, permite que grupos como traficantes, pivetes, "skin heads", políticos, camelôs, baloeiros, flanelinhas, donos de empresas de ônibus, cartolas, torcidas organizadas, galeras, Black blocs, MST, e como veremos até a FIFA, e outros, criem as suas próprias comunas, criando um governo paralelo, muitas vezes mais forte do que o poder do próprio Estado. Cada grupo quer tirar as suas próprias vantagens deste ambiente desorganizado. O povo brasileiro, órfão do apoio do Estado, começa a definir as suas próprias leis. O nosso comportamento frente às leis de trânsito é um exemplo desse anarquismo à brasileira.

Os anarco-sindicalistas que defendiam um Estado composto por representantes de todos os sindicatos tiveram momentos de glória na Espanha e na Itália no

início desse século. O anarquismo que desembarcou no Brasil veio dessa corrente, como veremos adiante, incentivados pelo Imperador D. Pedro II, que apoiava as novas idéias, embora não fosse um anarquista. Esses sonhadores imaginavam um governo anarquista muito diferente desse que estamos agora vendo surgir no Brasil. No período de 2002 a 2014, e quem sabe até quando, tivemos uma experiência de um governo sindicalista, quando 20 mil apaniguados políticos, de alguma forma ligados ao PT ou a sindicatos, ocuparam cargos públicos. Foi um verdadeiro leilão. Como não possuíam conhecimentos técnicos para exercerem as funções para as quais foram indicados, passamos por um período em que fomos governados por um grupo enorme de incapazes, com poucas e raras excessões. Essa foi a nossa experiência com o anarco-sindicalismo.

Vivemos um momento político perigoso. O governo é fraco para se impor e não tem recursos para fazer as leis serem cumpridas. Faltam fiscais e policiais e vontade política. Os que restam são tão mal remunerados que preferem fingir que cumprem o seu papel. Um exemplo disso foi à greve da PM de Minas Gerais que ocorreu em 1997. Outros exemplos são a atuação do MST, principalmente no período de 2002 a 2014, durante o governo do PT. Grupos organizados como, traficantes, milicianos e alguns empresários muitas vezes ocupam o lugar do Estado. O próprio povo das favelas pobres do Rio preferem a tutela e proteção dos traficantes do que a violência cega da polícia. Dizer que o anarquismo não serve ao Brasil é um exagero, mesmo porque é de bom tom, nos dias atuais, defender a menor participação possível do Estado na sociedade, senão, pelo menos, na economia. Dizer que todo o Brasil é anarquista é um exagero maior ainda. Existem alguns locais, como por exemplo, o interior de S. Paulo ou em Curitiba, onde o Estado consegue ocupar o espaço que lhe é destinado. O que existe entre nós são focos de anarquismo. Quem pode afirmar que a favela da Rocinha ou o Complexo do Alemão não são sociedades anarquistas? Qual o pequeno ou médio empresário que paga todos os seus impostos? O perigo é que o anarquismo à brasileira vem surgindo da pior forma possível, impondo um poder de força que está custando muito caro à maioria do povo brasileiro. Neste Estado brasileiro que mais parece um camaleão, muitas vezes o anarquismo e a ordem-social se confundem no mesmo espaço. Muitas vezes até os próprios deputados, que deveriam zelar pelo poder do Estado, criam as suas próprias leis, como aconteceu no famoso caso do mensalão.

O que este trabalho tentará mostrar é que a omissão do Estado abre espaço para que grupos organizados ocupem este vazio criando as suas próprias leis. Muitas pessoas costumam usar o termo anarquismo pelo seu lado pejorativo, o que nem sempre é verdade. Como definimos inicialmente, o anarquismo pode ser caracterizado pela ausência de poder público, o que exige que grupos organizados estabeleçam as suas próprias leis. O Rio de Janeiro talvez seja o local no Brasil onde a anarquia encontrou o seu mais natural habitat. Os morros cariocas e das cidades adjacentes são dominados pelos traficantes. Os diversos

governantes que por aqui passaram, fossem eles governadores ou prefeitos, sempre fizeram vista grossa ao que acontecia nos morros. O Brizzola chegou a proibir que a polícia subisse nos morros. Hoje só a polícia, e mesmo assim, numa operação cara e complicada, consegue subir nos morros. Sobem mas não mandam. Pois lá só fica o tempo mínimo necessário para cumprir uma missão ou para prestar contas à opinião pública. Isso nos leva a concluir que esses espaços onde o Estado não tem o mínimo poder, com toda certeza são regiões sem governo, ou melhor, anarquias. O grande Rio tem mais de 1000 favelas onde não temos governo nenhum, a não ser que voce queira dizer que os donos do poder são os traficantes. Nem mesmo a política recente das UPPs conseguiu acabar com o poder dos traficantes nas favelas ou comunidades. Invadir as favelas e ocupá-las não significa necessariamente traze-las para fazer parte da cidade. Saudada como uma solução para o dominio dos traficantes nas favelas, as UPPs demonstraram que outras ações seriam necessárias para acabar com esse poder paralelo.

Juntem-se a isso os camelôs que ocupam calçadas com inteira liberdade, flanelinhas que definem quanto vamos pagar para estacionar os nossos carros nas ruas, vans que circulam livremente em qualquer lugar, baloeiros que jogam objetos incendiários para os céus, dentre outras situações anárquicas. Será que não estamos numa anarquia? Essa pergunta tem me atormentado já há muitos anos. O Rio de Janeiro virou uma anarquia onde algumas pessoas fingem que governam enquanto outras tomaram parte desse poder a força ou a revelia.

Dentro deste contexto confuso e sem perspectivas de melhorias em curto prazo, surge a pergunta, feita pelo Frejat do grupo Barão Vermelha, numa de suas músicas em parceria com Cazuzza: *“Porque que a gente é assim?”*. E continua: *“Canibais de nós mesmos!”*.

COMENTÁRIOS SARCÁSTICOS INICIAIS

Você encontrou um lugar aprazível, mas que tem cerca de mil favelas. Cada uma dessas favelas é controlada por um grupo de traficantes ou por milicianos. Nesses locais o Estado só consegue entrar usando a força policial. Ou seja, não tem poder nenhum nessas áreas.

Nessa bela cidade existem camelôs espalhados pelas calçadas e os supostos governantes tentam há anos tira-los desses locais, mas nunca conseguem. Os camelôs voltam a dominar as calçadas, embora possam sair por alguns momentos.

Se voce sair de noite, o que não é aconselhável, pois existem arrastões, bondes de traficantes e inúmeras outras surpresas, com certeza irá cruzar com essa figura típica que é o flanelinha e que não existe em nenhum outro lugar do mundo desenvolvido. Tente não pagar o que for cobrado. Certamente o seu prejuízo será enorme. Em alguns locais de muita frequencia, como as redondezas do Maracanã em dia de jogos, ou o Teatro Municipal, o preço cobrado é equivalente ao ingresso do evento. Se você não pagar será punido, pois são eles que mandam nas ruas.

Certamente o número de ônibus que trafega por essa cidade te deixa nervoso. Os motoristas fazem o que bem entendem e particamente são também os donos das ruas. No entanto, isso era apenas o início. Depois vieram as vans e os problemas se multiplicaram por dez ou mais. Ninguém entende o que acontece por trás das vans, ou os transportes alternativos, motoristas sem qualificação, avançam sinais, param onde bem entendem, trafegam em alta velocidade, e o que é pior ainda tem fregueses. É mais fácil passar um elefante numa agulha do que encontrar um motorista de van que um dia pagou uma multa. Todos sabemos que o transporte por vans costuma estar nas mãos de milicianos.

Se voce pensava que as vans e os ônibus eram o que de pior podia acontecer, outras surpresas estavam ainda por vir. De repente, sem ninguém saber de onde, surgem os moto taxis. E a bela cidade tem mais um imenso problema para controlar. Como as vans, os moto taxis são na maior parte dos casos controlados pelos traficantes ou milicianos. O Estado neste caso não tem nenhum poder.

Imagine que você jogue para o espaço um objeto pegando fogo. Evidentemente que esse objeto vai cair em algum local e vai causar um estrago. Você certamente dirá que ninguém é louco para fazer isso. Enganou-se. Nessa tal cidade existem os baloeiros que jogam objetos incandescentes para o espaço, mesmo sabendo que existem leis que proibem. Bem, proibem? Nessa cidade tudo é permitido. Os pilotos de aviões que pousam no Rio de Janeiro se preocupam muito com esses

objetos encandescentes que vagam pelo espaço, muitas vezes perto dos aeroportos.

Traficantes, flanelinhas, vans, moto taxis, baloeiros, camelôs. Sorria você chegou ao Rio de Janeiro (ou no Grande Rio).

Este livro não é uma tese de doutorado, mas apenas um relato, às vezes bem humorado, sobre o que acontece no nosso dia a dia, onde muitas vezes, somos obrigados a nos comportar também como anarquistas, pois somos constrangidos pelo meio em que vivemos. Talvez um suíço ou um neozelandês, povos extremamente educados, acabasse virando também um carioca ou fluminense, sob a influência maligna do anarquismo que nos cerca.

Depois de muitos anos defendendo o PT como o partido da ética, eu descobri que eles não eram nada daquilo que apregoavam, ou seja, eram iguais aos outros partidos, envolvidos em maracutaias e conluios. Porém quando Lula assumiu a presidência, e posteriormente com a sua sucessora Dilma, eu descobri que eles, além de não serem éticos, eram péssimos administradores, pois não têm pulso de administrador, ficam com um discurso sindicalista, e com isso acabam favorecendo todo o anarquismo que nos cerca e que por falta de controle acaba se fortalecendo. O anarquismo gosta quando os governantes não tem poder para atuar ou são enfraquecidos pelos inúmeros conluios políticos que precisam fazer para poder governar. Ou alguém imagina que um país pode ser governado com 39 ministros. Trata-se de um recorde mundial e deveria ser registrado do Guinness Book of Records.

Quem tiver paciência de pesquisar na internet vai levar o mesmo susto que eu levei ao me deparar com a sigla FARJ. Na verdade a sigla é a mesma da Federação de Esportes Aquáticos do Rio de Janeiro, que era o que eu procurava no momento e encontrei a Federação Anarquista do Rio de Janeiro. O que é pior deve ter se apropriado do domínio da Federação de Esportes Aquáticos pois usa o site www.farj.org.br enquanto esta segunda usa www.aquatica.org.br. Neste site fiquei sabendo que existe também a Coordenação Anarquista Brasileira da qual o grupo anarquista do Rio de Janeiro faz parte.

No site da tal FARJ encontramos textos como o seguinte:

“A Coordenação Anarquista Brasileira vem declarar publicamente seu apoio à Fábrica Ocupada Flaskô. Ela está, atualmente, em luta para coletar 10 mil assinaturas para declarar a fábrica como de interesse social. Há mais de dez anos, as companheiras e companheiros da Flaskô dão uma grande lição de construção pela base. É fundamental dar prosseguimento na luta.”

“A ocupação militar do conjunto de favelas da Maré pelo governo estadual e federal, além de vergonhosa é emblemática. Um dia antes dos 50 anos do golpe

civil e militar de 64 vemos que os aparatos e práticas de repressão ao povo não foram desmobilizados com o fim da ditadura.”

Ou apoiando os movimentos de rua que varreram o Rio de Janeiro em 2013.

“Elementos de conjuntura Frente aos episódios vividos nas ruas do país em meados de 2013, cabe apontar que houve sensíveis mudanças na conjuntura política brasileira. Parece que estamos transitando de uma etapa em que o consenso conservador dá as primeiras mostras de seu esgotamento, abrindo um novo ciclo de luta de classes no país.”

E se vocês acham que Bakunim está morto vejam a convocação abaixo.

Na sexta-feira, 06 de junho acontecerá mais uma atividade do Círculo de Estudos Libertários Ideal Peres (CELIP) em Campos dos Goytacazes. A atividade será um debate sobre o tema BAKUNIN 200 ANOS e contará com a contribuição dos textos.

Assim como Elvis, Bakunin também não morreu.

Quando neste livro falo dos movimentos anarquistas que acontecem espontaneamente no Rio de Janeiro, e neste caso estou apenas usando como base da minha tese, que esse anarquismo retrata apenas a ausência de governo em algumas áreas, cabe lembrar que existe um movimento organizado, ou pelo menos assim parece, que advoga o anarquismo na sua versão original, ou seja, a ausência total de governo.

TRÂNSITO ANARQUISTA

Há alguns anos atrás, eu tinha alugado um carro, e com a minha mulher, viajávamos pelo sul da França. Nas proximidades de Ville de France seguíamos por uma estrada secundária quando nos deparamos com um cruzamento. Era um encontro de duas pequenas estradas numa imensa planície, onde havia um sinal de trânsito. A luz estava vermelha e na minha frente estavam parados dois outros carros aguardando a luz verde para seguirem adiante. Tudo seria normal se não fosse um fato inusitado apenas para nós brasileiros. Eu olhei para o lado esquerdo e não vi nenhum veículo até onde minha vista podia alcançar. Olhei para o lado direito e o mesmo ocorria.

Eu e minha mulher sorriamos surpresos com aquela demonstração de civilidade e respeito às leis. Ficamos ali, os três carros solitários aguardando o sinal ficar verde, embora não houvesse a menor possibilidade de vir outro veículo na diagonal. Talvez o leitor imagine que poderia ter algum guarda escondido atrás de uma moita. Não havia nenhuma moita, ou árvore, ou nada onde um guarda pudesse esconder-se. Não havia guardas e nem carros passando na outra estrada, e mesmo assim ficamos ali parados longos minutos aguardando o sinal. Talvez, se eu fosse o primeiro da fila, tivesse passado direto após uma breve parada para verificar se não vinha nenhum outro veículo no cruzamento. Qualquer brasileiro faria isso sem nenhum constrangimento ou sentimento de culpa. Outro aspecto interessante é que o francês não é conhecido pelo primor da educação e civilidade, como por exemplo, é o suíço.

Certamente, o nível cultural de um povo se manifesta em pequenos acontecimentos que fazem parte do nosso dia-a-dia. Não vamos também comparar uma cultura milenar com um país tão novo no aspecto mundial como o Brasil. O que vamos tentar mostrar adiante é como o brasileiro tem cada vez mais perdido esse senso de civilidade, e como estamos nos tornando anarquistas. Ao invés de irmos numa direção, simplesmente perdemos o rumo, ou será que apenas o Rio de Janeiro perdeu o rumo. Mas antes eu gostaria de citar outro acontecimento que ocorreu comigo nesta mesma viagem.

Desta vez estávamos em Genebra, na Suíça, jantando no Café Paris, que é um restaurante simples e popular daquela cidade. O leitor talvez esteja imaginando que fui buscar um exemplo na Suíça, país exemplo de civilidade, para humilhar de vez o nosso tão baixo nível de civilidade. Não é essa minha intenção. Mesmo porque o Brasil tem tantas outras coisas tão maravilhosas, que o vetusto e organizado povo suíço perderia fácil para o irreverente e alegre povo brasileiro. Para não falarmos nas contas bancárias misteriosas. Traficantes e outros ladrões encontram cobertura no sigiloso esquema bancário suíço. Os judeus estão até

hoje tentando recuperar o seu dinheiro que durante a 2ª Guerra Mundial desapareceu nas contas numeradas dos bancos suíços. Mas vamos voltar ao Brasil, isso foi apenas um breve comentário. O que estou tentando mostrar, é que existem certos aspectos de nossa vida que nos enquadra no modelo anarquista de comportamento social. Além disso, me preocupa muito como estamos perdendo certos padrões de comportamento que muito orgulhavam os nossos avós. Esse livro nada mais é que uma lembrança que esses valores podem ser resgatados. Mas eu estava falando no jantar no Café Paris e me perdi em considerações sobre moral e civilidade. Como todo restaurante popular as pessoas se sentavam muito próximas uma das outras. Na mesa ao lado da nossa, jantava um inglês que estava sozinho e puxou conversa conosco. Ele era uma espécie de agente de treinamento da famosa Scotland Yard, bom falante como todo bom instrutor, ele estava na Suíça dando um curso para policiais suíços. A conversa correu solta por entre um copo e outro de cerveja e quando resolvemos sair já eram duas horas da madrugada. Pagamos as nossas contas e fomos enfrentar a fria noite suíça. Eu e minha mulher estávamos hospedados numa pequena pensão, por sinal muito ruim, há cerca de dez quadras do restaurante. O hotel onde estava o inglês era em outra direção, mas ele, como bom policial e, talvez, em sinal de agradecimento a noite agradável que passamos juntos, decidiu nos acompanhar até a nossa pobre pensão. Alegamos que não havia necessidade, mas ele insistiu categoricamente. Foi tão firme no seu argumento que decidimos aceitar o seu oferecimento. Tentar explicar para ele o que era o Rio de Janeiro à noite nos pareceu impossível para alguém que considerava a noite suíça perigosa. Para quem não conhece, Genebra é uma cidade de cerca de trezentos mil habitantes, mais ou menos do tamanho de Niterói. Se durante o dia já era uma cidade com poucas pessoas nas ruas, de noite era um verdadeiro deserto. Às duas horas da madrugada não tinha ninguém nas ruas e não se via nenhum carro passando. Para quem, como nós, estávamos acostumados à violência das cidades brasileiras, aquele deserto dava medo. Pois bem, naquele deserto, sem carros nas ruas, íamos nós ciceroneados pelo resolutivo policial inglês da Scotland Yard.

Eu me alonguei um pouco nessa história, e peço desculpas ao leitor, mas foi minha intenção caracterizar a situação que passo agora a descrever. As ruas estavam desertas. Nenhum carro passava. E o inglês insistia em atravessar apenas nas faixas de pedestre e apenas quando o sinal de trânsito permitia. Quando no início de caminhada, tentamos atravessar uma rua num ponto qualquer, fomos severamente advertidos pelo zeloso policial inglês. As inúmeras cervejas que havia tomado, e não foram poucas, não tinham afetado o seu senso de civilidade e de respeito às leis. E lá fomos nós, os três mosqueteiros, pelas ruas de Genebra, naquela noite fria e deserta, respeitando faixas de pedestres e sinais de trânsito. Nunca mais vimos aquele inglês, mas guardamos para sempre o seu respeito pela lei.

Usando ainda a Suíça como exemplo eu vou citar uma frase de um amigo meu que era mais ou menos assim:

- Você sabe que o Brasil tem jeito?!
- Mas como assim?
- Bastava importarmos algumas centenas de suíços e preenchermos todos os cargos importantes da administração pública. Com seriedade esse país ia funcionar.

Como se tratava de gozação fui obrigado a responder no mesmo tom:

- Quem te garante que um ano depois todos eles não estariam no Sambódromo desfilando pela Mangueira?

No Brasil tudo acaba em samba ou em pizza.

Agora você imagine um sistema de contas sigilosas, sem identificação do depositante, aqui no Brasil. Se lá, as contas já desaparecem, imaginem aqui, onde alguns políticos fazem verdadeiros milagres para sumir com o dinheiro público.

Outro dia, eu estava parado com meu carro num sinal vermelho, pelo espelho retrovisor via curioso o sujeito do carro imediatamente atrás gesticular ao mesmo tempo em que buzina nervosamente. Voltei a olhar para o sinal que continuava vermelho. Então ele conseguiu fazer uma manobra, se espremer contra o meu carro e o meio fio e rapidamente parar ao meu lado e gritar:

- Ô seu viado, vai aprender a dirigir!

Avançou o sinal perigosamente e cantando os pneus e seguiu em frente. Logo depois, a luz verde apareceu e eu segui em frente. Alguns quarteirões adiante, nos encontramos, num outro sinal, mas desta vez não dava para fazer a perigosa manobra que ele havia feito antes. Então eu pude vê-lo melhor. Tratava-se de um homem de meia idade, bem vestido, quem sabe um médico, um engenheiro, ou talvez um bom técnico na sua vida profissional. A sua aparência me levava a assim imaginar. Possivelmente em casa fosse até um sujeito calmo, apesar dos olhares ferozes que me dirigia. Ele era naquele momento capaz até de brigar por causa de um sinal vermelho. E claro que ambos sabíamos que no trânsito urbano um avanço de sinal significa no máximo alguns minutos que ganhamos, ao mesmo tempo em que arriscamos a perder muito mais. Podemos perder desde a vida até algumas horas ou dias num lanterneiro ou numa companhia de seguros. A ânsia de seguir em frente nos transforma em seres irracionais e nos transforma em anarquistas. A cada sinal vermelho que avançamos, estamos no fundo dando um passo atrás no caminho de aumentarmos a nossa civilidade.

Todas essas pequenas histórias são apenas para ilustrar a comparação de comportamentos entre o europeu com sua educação milenar, e nós, brasileiros, com a nossa falta de educação de quinhentos anos. Por que temos essa ânsia de chegar rápido? É claro que as formas de comportamento variam de cidade para cidade. No Rio de Janeiro temos a pior situação e em Curitiba um trânsito perto dos padrões europeus, apenas para citar as capitais.

Caetano Veloso, numa entrevista, comentava esse estranho hábito que temos de avançar sinais. Eu não me lembro do exato teor das suas palavras, mas o conteúdo era mais ou menos o seguinte:

- O brasileiro tem a idiota mania de avançar os sinais. Estamos sempre com pressa. O japonês e o americano, que têm um alto índice de produtividade, em países onde o tempo vale muito mais, não têm essa necessidade de chegar rápido, e o brasileiro, onde a produtividade não representa tanto assim, não pode perder alguns minutos num sinal vermelho.

Caetano disse palavras sábias, com todo o peso do seu passado de grande compositor e músico, e com a sabedoria acumulada na sensibilidade aos problemas brasileiros, tão bem expressos nas suas músicas.

Mas a pergunta continua no ar, por que agimos assim?

Por que somos tão ansiosos e impacientes? Por que essa necessidade de chegar sempre em primeiro lugar? Talvez o antropólogo e cientista social Roberto da Matta tenha a resposta correta mas vou tentar colocar outras questões neste pequeno ensaio. Alguns cientistas sociais dizem que essa passagem de um regime ditatorial, onde tudo era proibido, para uma democracia plena, leva as pessoas, numa forma de contestação inconsciente, a rejeitar o poder do Estado. Esse poder pode ser expresso num simples sinal de trânsito. Dizem que Portugal, quando se livrou da ditadura salazarista, apresentou também requintes de comportamento anárquico. Como durante a ditadura não se podia nem jogar papéis no chão, os portugueses passaram a ignorar as latas de lixo. Não sei se é verdade, não estava lá, porém estive em Portugal por várias vezes nos últimos anos, e posso afirmar que essa ressaca anarquista já acabou há muito tempo. No nosso caso a ditadura já caiu desde 1985, e o que temos visto é um comportamento cada vez mais anárquico. É claro que Portugal saiu de uma ditadura e encontrou logo o seu modelo político e social. No nosso caso não tivemos esse rompimento. A ditadura não morreu de vez, ela vai se apagando lentamente. Talvez o impedimento do ex-presidente Collor pudesse ser uma das marcas desse rompimento, no entanto as situações antes outorgadas ao desmando da ditadura, agora se repetem sob a proteção da democracia.

Um outro aspecto que pode ser analisado, como forma de explicar esse comportamento do brasileiro, seria a falta de um padrão que nos sirva de

exemplo. Aquela antiga inflação galopante, corrupção para todo lado, violência crescente, tudo isso nos transmite uma ansiedade muito grande. Não dá para ficar esperando o sinal mudar com tanta coisa ruim ocorrendo ao nosso redor. Ou seria tudo isso uma característica de um país ainda em formação, onde tudo precisa ainda ser definido, e que os vinte e tantos anos de ditadura, nos roubaram um tempo precioso.

O antropólogo Roberto da Matta disse, numa entrevista na televisão, que uma das formas de analisar-se o comportamento de um povo é circular pelas suas ruas.

Citava, na ocasião, um cientista social americano, que defendia a tese que o trânsito das principais cidades do país é um reflexo direto do sistema comportamental de um povo. No Brasil, como já vimos, avançam-se sinais vermelhos. Aqui é comum ultrapassar-se pelos acostamentos das estradas, sempre que está difícil a ultrapassagem correta pela esquerda. Nestes casos, quando a ultrapassagem é feita pelo lado correto, não se respeita as faixas contínuas, as curvas e as lombadas. Quando o sinal vermelho é respeitado é comum parar-se em cima das faixas de pedestres. No Rio de Janeiro os carros amontoam-se com as quatro rodas em cima das calçadas, mesmo que vez por outra, as autoridades do trânsito resolvam rebocar os carros mal estacionados. Mas são tão raras essas ocasiões, falo sobre o reboque, que quando ocorrem têm sempre ampla cobertura da imprensa. Parece até um show preparado para mostrar serviço.

Um turista uma vez comentou na televisão achando tudo muito engraçado: “O Brasil é o único lugar no mundo onde os carros param em cima da calçada e os pedestres andam pela rua!”.

No bairro de Itaipu, em Niterói, onde moro, o trânsito é quase uma terra sem lei. Cada um faz o que bem entende e os acidentes de trânsito se sucedem, transformando a Estrada Francisco da Cruz Nunes, a principal via de acesso ao bairro, na recordista em acidentes na cidade. Se você reclamar com alguém por ter avançado um sinal vermelho, por exemplo, o infrator se sente ofendido, e começa a xingar. Eu já passei por inúmeras situações como essa. Você passa a ser o culpado por reclamar de um infrator.

Eu poderia ficar páginas e mais páginas escrevendo sobre as irregularidades mais usuais que ocorrem no trânsito brasileiro, mas vou abusar da paciência do leitor e citar outra situação que muito me intriga pelo seu aspecto surrealista. No Rio de Janeiro é obrigatória a colocação dos seguintes dizeres na traseira dos ônibus: "Velocidade máxima permitida: 60 km.". Existe uma lei estadual que assim o exige, e os zelosos proprietários das empresas de ônibus, na sua preocupação em cumprir as exigências legais, antes dos novos ônibus serem liberados, capricham na pintura da esclarecedora frase.

O objetivo é claro: avisar aos motoristas apressados que o ônibus vagaroso à sua frente não pode andar mais rápido porque a lei assim o exige. Essa idéia surgiu no momento crítico da segunda crise do petróleo, e o Brasil precisava poupar a sua escassa gasolina ou óleo diesel. Tudo muito bonito e civilizado se não fosse o fato de nenhum ônibus respeitar esse limite de 60 Km. É comum na ponte Rio-Niterói e no Aterro do Flamengo você ser ultrapassado por um ônibus correndo a mais de 100 km por hora. Na traseira, em letras grandes e vistosas, a enigmática frase: "Velocidade máxima permitida: 60 km". Se ninguém cumpre a lei, não seria o caso de revogá-la?

É comportamento como esse, e como todos os outros que citamos anteriormente, além de tudo aquilo que todos nós sabemos e que não há necessidade de citar, que levariam o cientista social americano a concluir com exatidão que estamos num sistema anarquista. O antropólogo Roberto da Matta, na citada entrevista na televisão, tinha também chegado a uma conclusão parecida.

Será que a teoria do americano está errada? Antes de nos apressarmos nessa afirmativa, convém analisarmos com mais calma a sua teoria. No trânsito das grandes cidades encontram-se pessoas de todas as camadas sociais. Pobres, ricos, miseráveis, classe média, e milionários cruzam-se nas ruas, seja como pedestres ou como motoristas. É bom lembrar que os pedestres no Brasil são tão mal educados quanto os motoristas. O policial inglês da Scotland Yard ficaria louco no Rio de Janeiro.

Pelas ruas passam comerciantes, industriais, funcionários públicos e profissionais liberais. Por ali circulam advogados, engenheiros, estudantes, contínuos, bancários e até alguns agricultores. Com todos esses tipos, podemos afirmar que nas ruas das cidades encontramos um microcosmos de toda a sociedade brasileira. Se a maioria não se preocupa em respeitar as leis que norteiam o universo delimitado pelas ruas, podemos admitir com um pouco mais de segurança que a teoria do cientista social americano precisa ser respeitada.

O meu bisavô, quando emigrou da Itália para o Brasil no final do século passado, trazia com ele os ideais anarquistas que inundavam a sua terra naquela época. O meu avô, talvez influenciado pelo pai, foi durante toda a vida comunista, e chegou a ser despedido de um emprego pela defesa dos seus ideais, mas não era um comunista atuante, e nunca chegou a ser seriamente perseguido. Bakunim, um dos mais sérios pensadores anarquistas russos, definia o anarquismo como um sistema parecido com o comunismo puro, sem a interferência de qualquer tipo de governo, como já vimos anteriormente. Eram épocas sonhadoras, onde se pensava muito e pouco se conseguia de prático. Essas correntes de pensamentos sempre passam alguma coisa de geração para geração. Mais adiante nesse ensaio nós vamos entrar em mais detalhes sobre o anarquismo como forma de governo, ou de falta de governo, porém eu resolvi falar um pouco nesse assunto para justificar, ou até alterar, nossa forma de comportamento. Vamos falar um

pouco mais sobre esse assunto para tentar explicar ao atônito leitor as conclusões do cientista social americano. A Itália foi o berço dos grandes anarquistas e hoje, talvez, é o país desenvolvido onde o partido comunista vem tendo, historicamente, uma grande participação política, e continua tendo, apesar da queda do muro de Berlim. Talvez haja alguma coisa no inconsciente coletivo italiano que ainda aflore nessa contestação ao governo estabelecido. Como os tempos são outros, e o nível cultural alto, esse inconsciente coletivo aflora de uma forma madura e controlada.

No Brasil talvez as coisas afluam de uma forma mais descontrolada. Os índios que habitavam o Brasil antes de 1500 viviam em comunas numa forma embrionária de comunismo, onde todos repartiam o trabalho e os ganhos. Com a chegada dos portugueses uma nova sociedade se implantou à força. Os índios nunca aceitaram servir de mão-de-obra para os colonizadores, o que os obrigou a buscarem apoio na força de trabalho dos escravos negros. Esses por sua vez, também tiveram a sua sociedade rompida, onde viviam na África num regime de comunas. Os portugueses representavam o governo ou o poder que não era aceito nem pelos índios e nem pelos negros. Vamos parar por aqui, senão eu teria que contar toda a história do Brasil, mas o importante é frisar o sémem do anarquismo que já existia aqui nos primeiros séculos de nossa colonização. Tempos depois, no final do século 19, vieram os italianos com todos os seus ideais anarquistas, e também plantaram a sua semente. Recentemente vieram os militares, para associar ao Estado toda a forma de opressão. Lembrem-se que a ditadura militarista, repetindo o que Getúlio já havia feito, criou um sistema de repressão ao comunismo, entre outras coisas. Para encurtar, podemos talvez afirmar que existe entre nós um anarquismo latente, que seria uma forma inconsciente de contestar toda a forma de governo. As leis, como as do trânsito, são meios que o governo encontra para disciplinar a sociedade.

O anarquismo está latente entre nós. O cientista americano não disse nenhum absurdo. Mas existe outro lado dessa questão, que é a incompetência do governo em controlar esse desejo inconsciente de romper regras.

Há alguns anos atrás veio ao Brasil uma amiga americana da minha mulher. Como bons cicerones, resolvemos levá-la para conhecer o Pão de Açúcar. Apanhamos um ônibus na Praça XV que nos levaria até a Urca onde tomaríamos o bondinho. No Aterro do Flamengo, o motorista em alta velocidade, entrava nas curvas com o ônibus dando a impressão que iria capotar, mostrava as suas aptidões de futuro piloto de Fórmula 1. Na traseira aquela estranha frase: "Velocidade máxima: 60 km". A americana ao nosso lado estava branca. Não dizia uma palavra com os olhos arregalados e as mãos rigidamente seguras no banco da frente. No final do Aterro, quando entrou numa rua na Praia de Botafogo, o ônibus derrapou e bateu em outro ônibus. Ninguém se machucou e todos os passageiros foram obrigados a descer. Fomos então para uma parada próxima para pegarmos outro ônibus, já que aquele estava seriamente avariado e não

podia seguir viagem. Quando percebeu que iríamos pegar outro ônibus, a americana começou a gritar histericamente: " No more buses! No more buses! "

Eu quis contar essa história para amenizar um pouco toda aquela teoria chata sobre a qual nos aprofundamos anteriormente. Porém existe um alerta que gostaria de fazer sobre essa loucura na qual vivemos sem nem mesmo perceber. A americana que veio de outra sociedade, com outros padrões de comportamento, não podia ter outra atitude a não ser um ataque histérico. Será que alguém poderia imaginar um ônibus circulando a toda velocidade em volta do Central Park em Nova York? Por que será que aqui no Brasil esse comportamento anárquico é encarado normalmente? É claro que nos Estados Unidos tinham índios quando os ingleses chegaram, e lá também houve escravidão. No entanto a sociedade americana está calcada em valores extremamente conservadores, oriundos do tipo de colonizadores que foram para lá com intuito de montar uma nova nação. Na América Latina os portugueses e espanhóis tinham o objetivo exclusivo de explorar ao máximo as nossas riquezas. Culturas avançadas como a dos maias, aztecas e incas foram totalmente destruídas. Essa mistura de exploração com opressão deixa marcas difíceis de serem apagadas.

No verão, nos fins de semana de sol, a estrada de acesso às praias oceânicas, em Niterói, é tomada por uma legião de motoristas disputando uma corrida automobilística para alcançarem as praias. Um amigo costuma dizer que nos domingos que tem corrida de Fórmula 1 na televisão a situação é muito pior, pois centenas de "pilotos" niteroienses partem para a disputa do GP de Niterói. Nestas ocasiões todas as regras de trânsito são quebradas e são muito comuns acidentes fatais. As ultrapassagens pela direita são tão comuns que as leis de trânsito talvez algum dia ganhem um apêndice de exceções intitulado "Rumo às praias", onde tudo que houver sido escrito antes poderá, nestes casos, ser ignorado. O mesmo se repete nas estradas de acesso à Cabo Frio e demais praias da região dos lagos, assim como no caminho para a Barra da Tijuca no Rio de Janeiro. Em S.Paulo essas cenas são comuns na viagem para Santos, Guarujá e outras cidades procuradas nos fins de semana ensolarados. Onde houver sol e feriado, lá estarão eles criando as suas próprias leis de trânsito. Nesses dias, tráfegar pelos acostamentos é um comportamento normal.

Teve uma época, há alguns anos atrás, em que a prefeitura de Niterói para reduzir os acidentes na estrada de Francisco da Cruz Nunes, caminho para as praias oceânicas, colocou dezenas de quebra-molas para conter os afoitos motoristas. Nos países culturalmente desenvolvidos todo esse comportamento pode parecer estranho, pois não me lembro de ter visto nenhum quebra-mola na Suíça. Essa nossa ansiedade nos leva a agredirmos uns aos outros. A prefeitura nos agride com centenas de quebra-molas e nós devolvemos a agressão desrespeitando as leis. Além disso um motorista agride o outro. Neste ambiente de disputa acirrada os vencedores serão premiados, ganharão alguns poucos minutos de sol. Aos vencedores, o sol, esse é o lema. Quando você arrisca a sua

vida, e de outras pessoas, em troca de uns poucos minutos ao sol, alguma coisa está errada, pois há uma diferença de valores tão grandes que é impossível medi-lo numa balança. O que será que leva esses motoristas a arriscarem tudo para chegar cinco minutos mais cedo na praia? Será que o tal anarquismo latente seria suficiente para explicar esse comportamento? Dizem que instabilidade econômico-política do Brasil deixa as pessoas inseguras, e como essa situação vem se arrastando há muitos anos, é normal que as pessoas fiquem ansiosas. A inflação está aparentemente sob controle, aí resolvem mudar a Constituição. Tudo é válido para manter o poder e esconder a incompetência. Acontece que esse tempo perdido parece não ter fim, e neste caso onde vai parar a nossa ansiedade? Em algum momento dos próximos anos essa sequência precisa ser rompida. Quando Lula foi eleito presidente, eu concordei que era preciso mudar para que tudo continuasse igual. Em resumo, os políticos são todos iguais, independente a qual partido pertençam.

O governo brasileiro tem colaborado muito, com a incompetência dos nossos homens públicos, para criar esse quadro caótico no trânsito. Há alguns anos atrás, o governo decidiu acabar com o pedágio nas estradas federais. Num rasgo de genialidade incontida criaram o selo pedágio. Enquanto em todos os países do mundo o pedágio é usado como cobrança justa pelo uso das estradas, no Brasil resolvem-se criar uma solução diferente. O selo pedágio deveria ser comprado mensalmente e fixado no pára-brisa dos carros que trafegassem pelas estradas. Os brasileiros decidiram investir na incompetência das autoridades, poucos compraram os tais selos, e, como não existem patrulheiros para controlar todas as estradas, ninguém era multado por não usar os selos. Além disso, os selos mudavam de carro para carro de tal forma que no final a arrecadação ficou muito abaixo do esperado. O governo decidiu então cancelar a cobrança do selo pedágio, e como não existia mais pedágio normal, as estradas brasileiras ficaram anos sofrendo de falta de recursos. No mundo inteiro existe cobrança de pedágio nas estradas, no Brasil, o governo decidiu ser criativo, o resultado foram estradas esburacadas e abandonadas. Este problema só voltou a ser minorado quando começaram as privatizações.

A história é parecida com aquela do ovo e da galinha sobre quem nasceu primeiro. No caso do trânsito do Brasil a dúvida é sobre se os motoristas e pedestres são anarquistas porque o governo é incompetente, ou o contrário. No meu ponto de vista falta repressão para educar os motoristas e um programa dentro das escolas para criar uma consciência de civilidade nos futuros cidadãos.

Como é que seria possível fazer as pessoas cumprirem as leis? Eu me lembro que há algum tempo li, na seção de cartas do leitor do Jornal do Brasil, uma carta onde o indivíduo dizia que os sinais de trânsito no Brasil deveriam ter apitos. Toda vez que mudassem de cor um apito soaria. A tese do leitor era que isso dispensaria a presença de um guarda, já que este apenas serve para apitar

quando o sinal muda de cor. Observando alguns guardas de trânsito, que na verdade são muito poucos, chegamos a conclusão que o leitor não estava tão errado. O problema seria o barulho que esses apitos causariam. Será que se existissem mais guardas de trânsito e patrulheiros rodoviários o problema do trânsito no Brasil estaria resolvido? Será que a repressão inibe as pessoas e cria o hábito do cumprimento da lei?

Nos Estados Unidos se você transgredir uma lei no trânsito, esteja onde estiver, possivelmente aparecerá um guarda para multá-lo. Los Angeles, onde dirigi por vinte dias, deve ser a cidade no mundo que possui o maior número de carros. Deve ser também a cidade no mundo que possui o maior número de "freeways". Tinha tudo para ter um trânsito caótico, porém não é isso que ocorre. A educação dos motoristas é tanta que chega a surpreender. Na estrada que liga Los Angeles a San Diego, no Sul da Califórnia, na fronteira com o México, existe uma pista reservada aos carros que trafegam com mais de duas pessoas. Em mais de duzentos quilômetros de estrada não vi nenhum motorista desrespeitando o limite de duas pessoas. O mesmo não podemos dizer das pistas exclusivas de ônibus no Brasil, onde já existem até bicicletas circulando. Outro dado importante, e que quem sabe deverá entrar um dia para o Guinness Book of Records, é a quantidade de ônibus existentes nas grandes cidades brasileiras. São Gonçalo, no Estado do Rio, deve ser a cidade com maior número de ônibus per capita no mundo, e, apesar disso, os problemas de transporte público permanecem.

Usando ainda Los Angeles como exemplo, vou contar outra pequena estória. Existem lá certos cruzamentos de ruas, de movimento grande, onde não há sinais de trânsito. O que prevalece é a educação dos motoristas. Cada lado, alternadamente, tem a preferência de passar pelo cruzamento. Desta forma o trânsito flui normalmente sem que haja sinais burros e nem guardas. O que prevalece é a educação e o respeito mútuo pelo direito alheio.

Uma vez na Suíça eu entrei num estacionamento e parei o carro. Existia uma máquina onde você pagava o valor correspondente ao tempo que o carro ia ficar parado. Para cada fração de vinte minutos tinha um preço equivalente. Não tinha ninguém controlando o estacionamento. Como bom brasileiro, eu paguei o menor tempo, no caso vinte minutos, retirei o tíquete da máquina e coloquei no parabrisa do automóvel. Quando voltei uma hora depois encontrei junto com o tíquete uma multa de vinte francos suíços. O interessante era que o estacionamento continuava vazio, não tinha ninguém tomando conta. A impressão que tive foi que um guarda invisível esteve lá e colocou a multa. Eu imaginei um estacionamento daquele tipo no Brasil. Ninguém pagaria nada e também não apareceria nenhum guarda para multar. É inegável que o nosso anarquismo também está diretamente ligado à falta de punição. Nós sabemos que raramente surgirá um guarda para multar-nos. Esse tipo de comportamento, ajustado aos padrões brasileiros, me custou vinte francos. Então a solução seria termos mais guardas nas ruas. Dentro dos padrões dos países desenvolvidos essa solução estaria correta, porém surge

o problema de falta de recursos. É claro que mais policiais teriam uma contrapartida de produzir mais multas, aumentando a arrecadação. As multas deveriam ser mais altas. Durante um período de tempo a arrecadação aumentaria muito, até os motoristas tornarem-se educados suíços. Mas eu não estou aqui para resolver o problema da anarquia brasileira, a minha proposta é caracterizar, usando alguns exemplos e comparações, porque o cientista social americano, amigo do antropólogo Roberto da Matta, estava com a razão.

Uma amiga foi à praia com a filha de um ano. Chegou cedo para que a menina não pegasse o sol forte. Estacionou o carro e foi para a areia. Quando voltou, meio-dia encontrou o seu automóvel cercado por duas fileiras de outros veículos. Impedida de sair, preocupada com a filha, teve que pedir a ajuda de alguns banhistas que passavam, os quais, sensibilizados com o seu problema, resolveram abrir caminho a força. Praticamente arrastaram alguns carros do chão, pois eram jovens halterofilistas, para que a moça e sua pequena filhinha pudessem sair. Esse tipo de comportamento é comum no Brasil. Eu particularmente já presenciei outros exemplos semelhantes. A primeira vez foi em Salvador muitos anos atrás, mas é desnecessário citar uma situação tão corriqueira no nosso dia-a-dia. O importante é saber porque uma pessoa estaciona, um carro num local, mesmo sabendo que vai prender outro carro. É um comportamento tão individualista que fica difícil caracterizá-lo dentro dos padrões anarquistas. O anarquismo puro do meu bisavô não contemplava tanto individualismo. Talvez fosse melhor enquadrarmos esse gesto no rol daqueles que caracterizam a falta de educação e cultura do povo brasileiro.

Em Niterói, onde moro, as pessoas não respeitam as vagas reservadas para idosos, gestantes e deficientes. Outro dia, um sujeito forte, sarado, parou o seu carro numa dessas vagas. Se alguém fosse repreendê-lo por esse ato de falta de civilidade, certamente poderia levar uma surra. A dúvida que me assola é se esse sujeito, que não respeita regras, poderia criticar um político corrupto. O que varia é o tamanho da infração, mas ambos são infratores.

Há algum tempo atrás a televisão mostrou a cena num dos seus telejornais. As filmagens foram depois utilizadas numa reportagem sobre a violência no trânsito. Dois homens, bem vestidos, de camisa social e gravata, abandonavam os seus carros e se engalfinhavam no meio da rua na cidade de S. Paulo. A causa da briga era um desses acidentes banais de trânsito. Como dois homens da idade medieval extravasavam a sua violência, embora aparentassem ser dois educados senhores. O que leva ao rompimento de todos os níveis de civilidade e transforma homens em animais? Será que o trânsito tem esse poder? O pior é que cada um de nós já passou por momentos onde pensou em sair do carro, para discutir com o motorista do carro ao lado, por pequenas razões. Quantas vezes já nos surpreendemos com a cara para fora da janela xingando um motorista faltoso? Como se no trânsito ninguém pudesse errar. Quantos já não mataram por um bobo acidente de trânsito? Essa mistura de anarquismo com violência produzirá

um sistema social da pior espécie possível. Nesse sistema cada um irá resolver por si só os seus problemas, pois as leis deixarão de nortear nosso comportamento. A ansiedade muitas vezes é decorrente do vazio provocado pela omissão do Estado, como elemento regulamentador do comportamento da sociedade. Quando o Estado é fraco no cumprimento dos seus deveres legais, a anarquia aparece.

Um amigo voltou ao Brasil depois de passar trinta dias na Ilha de Bali. Muitas coisas o impressionaram, como a beleza das praias, porém o que mais chamou a sua atenção foi a maneira cordial como as pessoas se relacionam no trânsito. Ninguém briga por qualquer acidente provocado por descuido ou imperícia. O povo de Bali não usa os seus carros como arma e nem descarregam tensões no trânsito.

O Brasil passa por um momento difícil. O poder público se desestruturou. As décadas perdidas se sucedem. A miséria invade as nossas cidades. Para efeito de comparação podemos analisar a Rússia. A confusão entre ditadura e comunismo, levou os russos a romperem com os dois. Caíram no conto da economia de mercado e a miséria invadiu as suas ruas. Lá também o poder público se desestruturou com a queda do comunismo, e tiveram que amargar um retrocesso na história. Se a ditadura era ruim, o anarquismo resultante tem sido muito pior. Mas isso é outra história, o que queremos citar, usando o depoimento de pessoas que visitaram Moscou recentemente, é que na Rússia os motoristas também não respeitam os sinais de trânsito e outras leis. É importante constatar que a rejeição do Estado pelo povo, associado a uma situação de miséria e de falta de perspectivas num futuro melhor, leva as pessoas a romperem com o respeito a certas regras elementares de comportamento. Lá, como aqui no Brasil, o trânsito é apenas um reflexo da anarquia que impera no país.

É importante lembrar que a Ucrânia, hoje um Estado independente, foi palco, no início do século, de um governo anarquista. O único que se tem notícia na história do anarquismo mundial. A situação agora se repete de forma perversa na Rússia, que junto com a Ucrânia e outros países já formaram a URSS. O que antes era uma experiência ideológica, com suas comunas, grupadas em federações, que por sua vez se aglutinavam em confederações, que por último formavam o governo, se repete na Rússia numa forma perversa de anarquismo. Sem organizações, onde, a exemplo do Brasil, cada um estabelece as suas leis. Justamente no país, que sob o comando das tropas de Leon Trotsky, destruiu na Ucrânia o único governo anarquista organizado que se tem notícia.

Nas minhas andanças pelo Brasil tive a oportunidade de constatar que o comportamento do povo de outros estados não é tão anarquista como no Rio de Janeiro. Por exemplo, em Brasília, já há muitos anos, a faixa de pedestre é respeitada por todos os motoristas. Basta um pedestre colocar o pé na faixa para que todo o trânsito pare e fique em ordem aguardando que ele atravesse. Não

existem buzinações e nem xingamentos. Tudo bem, o seu argumento pode ser que Brasília é uma situação atípica. O nível de renda e educação é um dos mais altos do Brasil. No entanto podemos buscar outros exemplos para complementar essa tese. Por que em Fortaleza, na praia de Iracema/ Meirelles, por exemplo, não existem sinais de pedestres. Bastam as faixas. Assim como em Brasília os motoristas educadamente respeitam as regras de trânsito. O Ceará é um estado que está na lista dos mais pobres do Brasil, e vemos esse comportamento civilizado no trânsito. Por quê? Temos outros exemplos mais fortes. Eu já estive em São Luís, no Maranhão, três vezes. Em todas essas visitas eu peguei um voo que saía de São Luís para o Rio de Janeiro, via Imperatriz e Brasília, às 6 horas da manhã. Neste caso tinha que acordar às 4 horas e pegar um taxi. Neste horário, ainda mais em São Luís, praticamente não havia trânsito nas ruas. Em todas as vezes os choferes de taxi obedeciam com rigor os sinais vermelhos. Você pode imaginar o que é ficar parado num sinal de trânsito às 4 horas da manhã?

Os cariocas tem um contra argumento: em nenhuma cidade do Brasil a violência é tão presente no dia a dia dos seus cidadãos. Isso é verdade. O Rio de Janeiro tem 1.000 favelas. Cada uma delas dominada por um grupo de traficantes ou por milícias. Nem mesmo as UPPs conseguiram mudar este quadro tão triste. Não existe nesses locais poder legal constituído. O Estado não tem poder nas favelas. Em qualquer lugar do grande Rio você pode esbarrar com um bandido, principalmente de noite. O governo estadual já cogitou em desligar alguns sinais e radares após às 22 horas, num reconhecimento tácito que não tem o poder de garantir a segurança após este horário. Tudo bem, a violência leva à anarquia. Será? Na estrada Francisco da Cruz Nunes, na Região Oceânica de Niterói, tem um sinal de pedestre que não é respeitado pela maioria dos motoristas a qualquer hora do dia. Esse desrespeito não tem nenhuma ligação com o medo de ser assaltado. Durante o dia o local é movimentado e existe muito comércio nas redondezas. Então por que os motoristas não respeitam o sinal, se não existe nenhum risco de sofrer violência?

Um amigo uruguaio passou uns dias no Rio de Janeiro e no segundo dia de sua permanência já estava apavorado.

- Por que as pessoas no Rio de Janeiro dirigem dessa forma? Por que não respeitam nenhuma regra de trânsito?

Meses depois eu descobri a razão do seu apavoramento. Estive em Montevíeu, e à semelhança do que ocorreu comigo em São Luís, tive que pegar um vôo às 6 horas da manhã. A mesma cena se repetiu. O taxi foi parando em todos os sinais vermelhos, às 4 horas da manhã, do hotel até o aeroporto. Em alguns momentos estava bastante claro que não havia nenhum carro vindo em nenhuma direção e nós ficávamos parados esperando o sinal abrir. Agora fica mais fácil entender o apavoramento do meu amigo uruguaio. Compare a economia do Uruguai com a

economia do Brasil. Com toda certeza somos muito mais ricos, no entanto carecemos de educação, e quem sabe, formação cultural ou melhor ainda, de civilidade.

Em viagem ao Chile em fevereiro de 2015 eu fiquei surpreso com a educação dos chilenos. O que mais me agradou foi o comportamento dos motoristas que respeitam todas as regras de trânsito. Uma passagem de pedestre é alguma coisa sagrada e nenhum motorista, por mais apressado que esteja, deixa de parar e esperar até que a mudança de sinal o autorize a seguir adiante. Os pedestres tem prioridade absoluta. Nas proximidades da minha casa, em Itaipu, tem um sinal de pedestres, que quase nenhum motorista respeita. Os pobres pedestres precisam estar atentos pois o risco de atropelamento é muito grande. O retorno ao Brasil nos traz de volta a essas realidades que não poderiam mais existir. Viva a anarquia!

NITERÓI, O CAOS COM ALTO ÍNDICE DE IDH

Um neozelandês, amigo do meu filho, ficou alguns dias em Niterói na nossa casa. A pobreza e a concentração de renda chamaram a sua atenção. Mas a sua pergunta sem resposta foi a seguinte:

- Por que as pessoas se comportam desta forma? Por que eles não respeitam nenhuma regra de trânsito? Será que eles não entendem que esse comportamento prejudica toda a sociedade? No final eles próprios acabam prejudicados com isso.

Muitas vezes ele estava comigo no carro e parávamos num sinal de pedestre na tal estrada Francisco da Cruz Nunes. Atrás alguns motoristas ficavam nervosos quando isso acontecia. Alguns buzonavam. Outros se contorciam todos para ultrapassar o nosso carro e avançar o sinal. Como atento observador o pobre neozelandês conclui que vivíamos num regime anárquico.

Não existe no Brasil motoristas piores do que os niteroienses. Se tirarmos os indianos talvez os niteroienses sejam os piores do mundo. Nem mesmo os cariocas nos superam. Nesta outrora pacata cidade os motoristas não gostam de obedecer nem as mais elementares regras de trânsito. Aqui, onde eu moro, apesar do alto IDH e do elevado nível de escolaridade e de renda, comportamo-nos como um povo super atrasado. Os niteroienses contrariam as regras de que pessoas com elevados índices de educação e de renda teriam graus maiores de civilidade. Acho que fomos contagiados por aqueles que se julgam acima da lei. Somos de uma cidade mais rica do que São Luís, no entanto nos comportamos como os mais pobres dos seres humanos, onde a miséria absoluta justificaria tudo. Enquanto isso, como já vimos, São Luís e Fortaleza estão a vários degraus acima dos cariocas e fluminenses quando o assunto é comportamento no trânsito.

Há trezentos metros da minha casa, na Estrada Francisco da Cruz Nunes, existe um sinal de pedestre. Este semáforo está ali já há uns quinze anos. No início eram apenas as vans, sobre quem falaremos adiante neste livro, que avançavam os sinais vermelhos. Pouco a pouco o vírus foi atacando outros motoristas. Agora vetustos senhores, endinheirados de Pajeros, moças de fina família, dentre muitos outros, ignoram solenemente o envergonhado semáforo. Os pobres pedestres que utilizam o mesmo devem tomar muito cuidado, pois poucos param no local. Tudo bem, a Prefeitura deveria colocar um botão para os pedestres apertarem quando fossem atravessar para evitar que o sinal se fechasse desnecessariamente, mas isso vem de encontro a outra afirmativa, o anarquismo ocupa a ausência do Estado. Quando o Estado é fraco na sua obrigação de fiscalizar e punir passa a valer os princípios anárquicos.

BAGUNÇA RESPEITÁVEL

De Gaulle, presidente da França no período de 1958 a 1969, visitou o Brasil na década de 60 durante o governo militar, ficou aqui alguns dias e soltou a frase que até hoje nos persegue: “O Brasil não é um país sério”. O que será que o iminente francês, herói da resistência durante a Segunda Guerra Mundial, teria visto por aqui que o levou a soltar a fatídica frase. Certamente não deve ter visto boa coisa. Tudo que falamos sobre o trânsito no Brasil, e a sua ligação com a sociedade brasileira, se diz respeito ao momento atual. Há quase trinta anos atrás, quando De Gaulle aqui esteve, a situação era bem diferente. A ansiedade dos motoristas, citando somente o trânsito, era bem menor. Segundo Zuenir Ventura, no seu livro “A cidade partida”, a cidade era tão maravilhosa na década de 50 que Lana Turner, a famosa artista americana, quando aqui esteve, fugia à noite do hotel bêbada para pegar garotões no calçadão de Copacabana, e nunca foi assaltada.

Durante anos procurou-se provar que De Gaulle estava errado. Houve até um desmentido formal do presidente Jean Chirac, alguns anos depois. Outros procuraram negar-lhe a autoria da frase, mas a verdade é que o povo já aceitou como verídica, e vem sendo usada popularmente sempre que surge uma situação inusitada. De Gaulle não era um cientista social, como o nosso grande Roberto da Matta, mas tinha um senso de observação bastante acurado. Apesar de toda repressão dos militares, procurando transformar o país num imenso quartel, De Gaulle foi cáustico: “O Brasil não é um país sério”. Alguns nacionalistas tentam há anos provar que ele estava errado, mas cada vez mais se curvam ante a realidade. A cada avanço de sinal, a cada ultrapassagem pela direita, De Gaulle se mexe no túmulo. A essa altura, com tanta falta de seriedade, ele deve estar dando saltos dentro da sua cova.

Dizem que a Rússia é o país das filas. A grande herança deixada pelos comunistas foram as filas intermináveis. O Brasil sem nunca ter sido comunista, também cultua o seu amor pelas filas. Nem os vinte anos de ditadura conseguiram abafar essa nossa admiração por tão característicos hábitos russos.

No entanto, por aqui fizemos uma melhoria apreciável, criamos os furadores de filas. Com a nossa educação peculiar, e a falta de respeito aos padrões estabelecidos e ao direito dos demais, cultivamos esse hábito bárbaro de furar filas. Não temos a capacidade e nem a inteligência de ver o futuro, mas apenas o presente imediato. Não conseguimos entender que o malandro de hoje será o otário de amanhã.

Quem já visitou a Europa e os Estados Unidos, ou até a Argentina, pôde notar que nestes países os Bancos são lugares espaçosos e confortáveis, onde as

peças se encontram para tratar de negócios. Existe um gerente que to atende com toda a calma, e despense com você o tempo necessário à consecução de um negócio, tirar uma dúvida, ou prestar esclarecimentos sobre um investimento ou um empréstimo. No Brasil, toda vez que preciso ir a uma agência bancária por qualquer motivo, sou invadido por um imenso mal humor. Quanto maior o Banco, pior o atendimento. Ultimamente eu tenho tomado o cuidado de levar comigo uma revista ou um livro, toda vez que preciso ir a um Banco. É um hábito saudável que aconselho a todos, pois tornam úteis aqueles minutos que perdemos nas filas das agências bancárias.

Se a anarquia faz parte do nosso dia-a-dia e do nosso comportamento, e se a insegurança e a ansiedade nos conduz à violência, as filas são mais um produto da nossa incompetência que surge para atormentar a nossa vida. Não conseguimos resolver coisas simples.

Eu quando falei do trânsito, usei muito o Rio de Janeiro como exemplo de uma situação muito ruim, porém ao falar de filas fica difícil escolher um lugar característico. Elas se espalham igualmente por todo o Brasil, do Oiapoque ao Chuí. As filas são democraticamente distribuídas por todas as cidades dos 8.500 mil km² do nosso território.

Os Bancos conseguiram, mesmo com toda a reserva de mercado da informática, apresentar um padrão de automação bancária equivalente ao do primeiro mundo. É um setor da economia brasileira que apresenta um padrão de modernidade muito alto. As nossas soluções são inclusive exportadas para outros países, e, mesmo com o fim da reserva de mercado que existia no setor de informática, têm condições de manter o mesmo padrão. Certamente a indústria de automação bancária não será afetada pela queda das taxas de importação na área de informática, pois apresentam um alto nível de competitividade. No entanto, com toda essa qualificação e desenvolvimento, os bancos não conseguiram resolver o problema das filas. Elas existem também nos inúmeros caixas automáticos, pois o que houve foi uma transferência de filas de dentro, onde também ainda existem, para fora.

Essa aparente modernidade, ilhada neste mar de miséria que invade cada vez mais as nossas grandes cidades, provoca situações inusitadas. Outro dia, um mendigo invadiu um quiosque desses do Banco 24 horas e defecou dentro da cabine. Do lado de fora centenas de pessoas revoltadas com a falta de respeito admiravam o cocô sem coragem de entrar na cabine. Em Nova Iorque os mendigos também dormem nas cabines dos bancos 24 horas, o que demonstra que o problema não é apenas nosso, a diferença é a forma de encarar a situação. Eu já tive a oportunidade de ver um homem se cercar com uma caixa de papelão e defecar ao meio-dia de um dia de semana no Largo da Carioca no Centro do Rio de Janeiro, na frente de guardas da polícia municipal que não fizeram nada.

Um amigo estava na fila do caixa automático de um Banco. Quando chegou a sua vez de usar a máquina para tirar um extrato, notou que o sujeito imediatamente atrás dele estava tão próximo que podia sentir no seu ombro a respiração ansiosa. O tal amigo tinha chegado há pouco de uma moradia de dois anos nos Estados Unidos e, como tal, tinha perdido a noção do comportamento das filas no Brasil. Quando estamos numa fila brasileira, as vezes temos a impressão que a qualquer descuido nosso, o indivíduo ou indivíduos que estão atrás tomarão o nosso lugar. Em alguns casos você tem que estar sempre atento. Quem costuma ficar lendo revistas ou livros nas filas, como eu, deve tomar muito cuidado para não ser passado para trás. Um olho no livro e outro na fila. No caso desse amigo não havia essa ameaça, apenas a pressão para que ele andasse mais rápido. Quando a máquina cuspiu o extrato o meu amigo não se conteve:

- Companheiro, aqui está o meu extrato, você está interessado em dar uma olhada?

A ansiedade do sujeito que está na fila é a mesma do motorista que quer chegar rápido à praia. Essa pressão cria um clima de “stress” que às vezes descamba para a violência.

É claro que a fila é consequência de um atendimento insuficiente, no entanto não justifica essa ansiedade por ultrapassar os direitos de outras pessoas. Porque essa ansiedade, que também surge no trânsito? É difícil explicar.

Essa situação criou um tipo de empregado, que possivelmente não existe em outros países, que é o “office boy”. Existem inclusive empresas de locação deste tipo de mão-de-obra. Esses rapazes já estão acostumados a passar horas por dia nas filas dos Bancos. Está certo que um misto de salários baixos e desemprego justifica a existência deste tipo de serviço. Neste aspecto é até uma vantagem pois abriga uma mão-de-obra normalmente desqualificada e disponível, reduzindo os níveis de desemprego.

A necessidade de melhorar o atendimento, ao lado de uma disputa acirrada de mercado, fizeram com que os Bancos investissem pesado na automação, levando o Brasil, neste aspecto, a ocupar uma posição equivalente aos países do primeiro mundo. O pior é que as filas continuam.

A dúvida que fica é se as filas são resultado de um sistema anárquico de comportamento, onde você perde muitas horas úteis da sua vida, ou se trata mesmo de incompetência.

Uma vez, há alguns anos atrás, regressando de uma viagem da Europa, cheguei em casa com a minha mulher, e fomos recebidos duramente pela empregada:

- Doutor o gás acabou. A companhia está em greve (a companhia eram os petroleiros) e só dá para comprar bujão de gás lá em São Gonçalo no depósito.

Para quem não conhece, São Gonçalo é uma cidade limítrofe de Niterói, onde moro. Não vou explicar porque optamos por continuar usando bujões de gas ao invés de gás encanado, mas é simples, o primeiro é mais barato, além do serviço de gás encanado ainda não ser oferecido onde moramos.

Bem, guardei o sobretudo, que posando de habitante do primeiro mundo costumava usar na fria Londres, pois era dezembro, e vesti uma folgada bermuda, camiseta e sandálias. A minha passagem do primeiro para o terceiro mundo foi dura e rápida. Num sol de quarenta graus, suando em bicas, eu e o meu bujão de gás éramos os quinquagésimos numa fila que se estendia por alguns quarteirões.

O rapaz forte na minha frente, com o seu bujão de gás inteligentemente instalado num carrinho de mão, filosofava:

- O brasileiro gosta de fila. Prefere ficar aqui sem fazer nada a ir trabalhar.

Aquele homem falava do alto de uma experiência acumulada em anos de filas, assim deduzi, analisando a calma e passividade com encarava o fato de estar perdendo um dia de trabalho para comprar um simples bujão de gás. Eu avalei a fila. Muitos que ali estavam certamente faziam parte daquilo que os técnicos chamam de mão-de-obra economicamente ativa brasileira. Por uma fração de segundos pensei em falar que em Londres não tinham filas para comprar bujões de gás, mas tive vergonha dos meus pensamentos. Eu era um privilegiado em poder fazer comparações deste tipo, enquanto que 95% da população brasileira só conhecia a Europa por televisão, sendo que alguns sem cores. Resignei-me e fiquei esperando a minha vez. Rezava para o gás não acabar, pois no início da fila um certo tumulto indicava a eminência de uma revolta. O anarquismo latente se insinuava e poderia surgir a qualquer momento. Os ansiosos, aqueles que já fazem parte do trânsito e das filas dos bancos, tentavam ganhar espaço, esperando qualquer distração. Não dava para ler nenhum livro.

As filas são uma consequência deste sistema anarquista que estamos cada vez mais cultuando com amor e dedicação, e uma certa dose de violência, ajudados por um governo omissivo e incompetente.

É fila para conseguir uma consulta de um médico no hospital ou num centro de saúde. A saúde no Brasil agoniza.

O culto à fila nos faz sofrer, nos faz perder horas úteis para resolver problemas aparentemente simples. O problema não é apenas do governo, por exemplo, os grandes Bancos privados são até piores no atendimento do que os Bancos públicos. Os caixas eletrônicos apresentam filas intermináveis. Talvez seja por essa razão que o mendigo resolveu defecar no caixa eletrônico. Os mendigos são os únicos anarquistas de fato.

A verdade é que num contexto onde o povo gosta de exprimir a sua falta de cultura ou de educação, rejeitando as regras vigentes, que muitas vezes são mesmo regras idiotas, fica difícil traçar-se os limites entre o que é anarquia ou apenas um fenómeno cultural ou social isolado.

CABEÇAS RASPADAS E ESTÔMAGOS VAZIOS

O grupo de rock americano Ramones se exibiu há alguns anos no antigo Canecão, que era um dos templos da música brasileira no Rio de Janeiro. O show teve uma assistência de duas mil pessoas, e trouxe para os noticiários um grupo de anarquistas que até então não eram levados a sério. Uma bomba explodiu no Canecão ferindo muitas pessoas. Os autores do atentado foram os Carecas do Brasil.

Os brasileiros sempre gostaram de copiar gostos e hábitos dos cultos europeus. Usamos ternos e gravatas sob o sol tórrido dos trópicos. Comemos comidas quentes e tomamos vinhos no Natal, como se estivéssemos em Londres ou Nova Iorque. Este fenômeno de submissão cultural nos persegue desde que o Brasil foi descoberto ou invadido pelos portugueses. Os africanos e asiáticos neste aspecto são mais autênticos.

Um irmão do meu avô comunista chegou em casa um dia na década de 40 todo vestido de verde, levantou o braço direito e gritou:

- Anauê!.

- Anauê é o caralho, sai fora daqui seu safado, vai cacarejar noutra canto - respondeu meu avô indignado.

O integralismo era a versão brasileira para o nazismo que assolava a Europa. Aqui eram chamados de Galinhas Verdes, e, comandados por Plínio Salgado, tentaram inclusive invadir o Palácio do Catete quando Getúlio Vargas era o presidente. Quando a guerra acabou e o mundo foi invadido por uma onda anti-nazista, os nossos Galinhas Verdes desapareceram.

Cinquenta anos depois surgem os Carecas do Brasil, que são a versão atualizada dos antigos Galinhas Verdes. Mais uma vez ocorre aqui um fenômeno de submissão cultural, ou seja, uma imitação barata do neonazismo que volta a surgir na Europa, e principalmente na Alemanha.

Nós sabemos que a Alemanha traz na sua história a presença desses grupos de extrema direita. Hoje em dia há um renascimento do neonazismo representado pelos Skinheads, uma minoria radical e violenta, que defende a pureza da raça branca e persegue os imigrantes dos países africanos e asiáticos. A Europa sempre conviveu com esse tipo de racismo. Na França, Le Pen concorreu à presidência defendendo a bandeira do racismo, até que sua mulher o desmoralizou posando nua para uma revista masculina. A Europa é o lugar de origem da raça branca. O racismo europeu na verdade é uma defesa da sua terra para o seu povo. Explica mas não justifica.

Quando os portugueses chegaram ao Brasil aqui viviam seis milhões de índios. Posteriormente vieram os negros, e, mais recentemente os imigrantes italianos, japoneses, alemães, suíços e outros. O povo brasileiro é resultado de uma mistura de raças, que iniciou com o português misturando-se com os índios. Dentro deste conceito a raça pura seria a indígena, e não a branca. Os nossos Skinheads por uma questão de coerência deveriam lutar pela pureza da raça indígena, como andou fazendo o cantor ecológico Sting. Ao invés de Carecas do Brasil teríamos Cabeludos do Brasil.

Se já é difícil descobrirmos uma raça pura no Brasil então qual a razão destes movimentos racistas? Seria uma manifestação anárquica? Porque o antigo candidato a presidente Enéas era fascista, apesar de ser mulato, careca e baixinho? Na verdade estes movimentos muitas vezes atacam os nordestinos, como já ocorreu algumas vezes em S.Paulo. Na verdade queremos imitar e não sabemos como atuar. Mas dentro do nosso tema, não podemos negar que os Carecas do Brasil são um movimento anárquico, embora não possamos negar a sua característica degenerativa de imitação barata do neonazismo europeu.

Os Skinheads europeus existem apesar do Estado Alemão ser forte e atuante, embora muitas vezes coniventes com estes movimentos, pois os mesmos ajudam a reter um pouco o fenômeno da migração. No Brasil com o Estado fraco e omissos os espaços são muito maiores. A nossa sorte é que o movimento é tão desprovido de racionalidade que nem eles próprios conseguem se impor.

No dia 21 de abril é “comemorado” pelos nazistas o nascimento de Hitler. Em Niterói, não se sabe por quê, os Skinheads resolveram passar a “comemorar” esta data com manifestações nas ruas. Isto provocou uma reação no movimento negro que escreveu manifestos e os distribuiu pelos postes e árvores, expondo a sua posição antagônica a esse movimento. Estas situações vêm se repetindo por todo Brasil. Em Brasília um grupo de rapazes da classe média resolveu incendiar um índio, num dos piores crimes da história recente do Brasil. No meio do anarquismo estes fatos, que na Alemanha não chegam a preocupar, aqui se tornam mais uma daquelas comunas onde o Estado perdeu o seu poder.

CAMELÔS E OUTROS ANARQUISTAS DAS RUAS

Os camelôs existem no Brasil há muitos anos. O comércio ambulante já faz parte da nossa tradição e ocupa as nossas ruas desde a época do Brasil colônia. Os camelôs já foram personagens de inúmeros filmes, especialmente das memoráveis chanchadas que marcaram um período áureo do cinema nacional. Eu me lembro do Zé Trindade, Ankito e Oscarito, entre outros, vivendo personagens que mostravam o lado cômico e até humano desses comerciantes. Sempre preocupados com o “rapa”, que era como chamavam a polícia naquela época, os camelôs eram verdadeiros artistas das ruas vendendo produtos milagrosos, e nesse seu palco atraíam um grande público de curiosos. Havia uma forma de aliança entre o povo das ruas e os camelôs. A repressão aos camelôs era grande e isso criava uma certa forma de identificação com a população. Isso ocorria numa época em que o governo estava presente e atuava. A partir do momento que o governo deixou de cumprir a sua parte esta identificação da população com os camelôs deixou de existir. Sem governo, as ruas se transformaram num território livre. Um sistema anárquico foi inicialmente instalado, e num momento seguinte grupos passaram a controlar esta aparente bagunça. Hoje o camelô romântico desapareceu, dando lugar a um pobre coitado que trabalha para um grupo de “comerciantes”. Estes “comerciantes” contratam pessoas carentes para venderem nas ruas os produtos que trazem de fora e muitas vezes são produtos roubados. Eu uma vez comprei um pen drive num camelô que já veio com inúmeros arquivos de brinde embora numa embalagem lacrada.

Essa aliança entre o “comerciante” que não paga imposto e o “trabalhador” que não tem nenhum tipo de benefício, tais como INSS, FGTS, etc., nasce um outro tipo de anarquia. Por esta via transversa circula uma soma incalculável de dinheiro alimentando a economia invisível. Milhões de pessoas em todo Brasil estão nesta situação. A anarquia dentro dos conceitos clássicos não pode ser considerada uma forma ruim de governo, mesmo porque só conhecemos uma experiência de governo anarquista na história que foi a Ucrânia, no início do século. Trotsky comandou as tropas russas que acabaram com essa experiência. Mas voltando ao Brasil, o que não pode funcionar é esta convivência do organizado com o desorganizado, juntos na mesma sociedade. De qualquer forma não nos cabe aqui entrar nessa discussão, uma vez que estamos tentando apenas caracterizar situações concretas que começam a mostrar o surgimento de um sistema anárquico, onde pequenos grupos são beneficiados e não toda a sociedade. É impossível dizer-se que os camelôs amenizam o problema do desemprego, pois nunca pode ser medido o que ocorreria se esta economia invisível fosse incorporada ao sistema econômico formal. Pequenos grupos de pessoas enriquecem com este sistema anárquico, o que desvirtua o conceito clássico de anarquia. Por outro lado, poderíamos imaginar uma situação inversa, onde ninguém mais pagasse impostos. Neste caso, para que o governo serviria? O pior é que nos preços estão imbutidos os impostos que não são recolhidos.

Quando eu trabalhava no Centro do Rio, todo dia, no meu caminho do trabalho para casa, cruzava com um homem que na rua S. José, no centro do Rio de Janeiro, vendia camarões e peixes na calçada. O cheiro era insuportável. Ele armava a sua banca no próprio chão, no final da tarde, para aproveitar os trabalhadores que após um dia de trabalho retornam ao seu lar. Esse ritual, repetido há alguns anos, devia ser o meio de sobrevivência daquele pobre homem. O interessante que em pontos-chaves do centro da cidade esta cena se repete com atores diferentes, o que pressupõe a existência de um fornecedor maior controlando o comércio. Voltemos ao nosso pobre vendedor. As vezes passava por ele e ficava imaginando-o na Suíça, na imaculada cidade de Genebra, chegando numa calçada extremamente limpa e descarregando o seu fétido produto no chão. Certamente seria preso imediatamente, além de enfrentar a revolta dos pedestres que o obrigariam a limpar a sujeira que causou. Por que o suíço defende os seus padrões de comportamento e nós somos intimidados a conviver com situações que muitas vezes nos incomodam? Apenas como parênteses, não vale a pena aqui repetir os comentários sobre o comportamento dos suíços com as suas misteriosas contas numeradas. Mas voltando aos camarões. Seria comodismo? Seria medo? Ou quem sabe somos todos uns anarquistas. O problema maior cabe ao governo resolver, pois a sua atuação é que deve orientar o comportamento da sociedade. Quando o governo se omite o povo tende também a se omitir. A omissão do governo é a falta de governo num determinado segmento da sociedade, e neste momento temos a anarquia. Na verdade temos uma célula de anarquia dentro do contexto social brasileiro.

Há pouco tempo os jornais noticiaram que diversos policiais trabalhavam como camelôs. Certamente os seus baixos salários os levam a procurar uma forma de rendimento adicional. A culpa maior é do Estado. Tudo bem, porém surge a dúvida, quem vai fazer cumprir a lei? Se não há cumprimento de leis também não há governo. Viva a anarquia!

Bancoc, na Tailândia, já foi considerada uma das cidades mais sujas do mundo. Depois de uma forte campanha educacional promovida pela Prefeitura é hoje uma cidade tão limpa quanto Genebra, na Suíça. E o Rio de Janeiro, o nosso exemplo de anarquia? Isso para não falar sobre Singapura onde quem joga uma ponta de cigarro no chão sofre uma multa altíssima.

No Rio de Janeiro, quando os camelôs ao final do dia abandonam as ruas, um grupo de homens pobres e miseráveis ocupa o lugar deles. São os catadores de papel. De dia dormem entre caixas de papelão, embaixo dos viadutos ou nos cantos das marquises, e à noite invadem as ruas, como cachorros vadios, revirando latas de lixo, espalhando pelas calçadas toneladas de papel. Os catadores de papel, anarquistas por necessidade, coletando no lixo dos escritórios e das lojas o produto da sua sobrevivência.

Na Índia, segundo um amigo que retornou recentemente de uma viagem de trinta dias por aquele exótico país, a prefeitura de Calcutá, à noite, coloca camas nas praças para os desabrigados dormirem. De manhã cedo as camas são retiradas. Em Nova Iorque existe um galpão imenso chamado Fort Washington, com milhares de camas, que serve de abrigo noturno aos miseráveis.

Na rua Senador Dantas, no centro do Rio de Janeiro, em frente ao luxuoso prédio do Banco do Brasil, vive o homem-lixo. Trata-se de um mendigo, possivelmente maluco, que deitado na calçada todo dia cobre-se de lixo e fica lá imóvel, exposto a curiosidade pública. Não são só os catadores de papel que vivem do lixo alheio. Centenas de pobres vasculham os lixos atrás de restos de alimento. É uma cena triste e comovente, que nos parte o coração, embora a repetição tenda a nos tornar insensível. Na primeira vez que vi uma pobre velhinha procurando alimento no meio do lixo, eu, sensibilizado, levei-a a um bar e paguei uma refeição a ela. Hoje não sei se repetiria o gesto, tantas foram vezes já presenciei esta cena triste.

Muitas vezes o governo se omite. Outras vezes é incompetente. Mas não podemos negar que a crise econômica, que sempre vem nos assolar, é uma das causas da miséria que mora nas nossas ruas. A crise de 1929, que colocou muitas pessoas nas ruas nos Estados Unidos, é mostrada com muito realismo no filme *Ironweed* de Hector Babenco. Os pobres toda noite iam para um local onde o programa de assistência do governo americano distribuía uma sopa grátis. O New Deal, criado pelo presidente Franklin Roosevelt, dando prioridade às obras públicas baratas, abriu novos empregos que possibilitaram a recuperação da economia americana e que as pessoas saíssem das ruas. A extinção do BNH em 1986 desativou um dos poucos programas de absorção de mão-de-obra desqualificada que existia na economia brasileira. A reforma agrária que também sempre é uma promessa de palanque, mas que na verdade nunca ocorre. O único que tentou fazer alguma coisa foi o Jango.

Delfin Neto, na época do milagre econômico, na década de 70, costumava dizer que primeiro o bolo deveria crescer para então distribuí-lo. O bolo não cresceu, solou, e não sobrou nada para distribuir ao povo brasileiro. O tal milagre, sustentado por imensos empréstimos externos, que por sua vez foram empregados em obras inúteis ou que nunca terminaram, deixou-nos uma dívida externa que até hoje nos atormenta. Será que poderíamos dizer aos miseráveis que ocupam as nossas ruas para esperarem o bolo crescer outra vez. Eles vão pensar que estamos falando num bolo de chocolate. Na verdade não há fermento e nem massa. Apenas um monte de miseráveis povoando as nossas ruas e servindo de recheio para este sistema anarquista que se configura no Brasil.

O governo dos petistas, entre 2002 e 2014, que vai continuar até 2018, nos fez imaginar que algumas coisas iriam mudar. O que nos animava na época era o discurso da ética e do respeito à coisa pública. Descobrimos depois, que eles eram iguais a todos os outros políticos. Uma vez no poder a corrupção é sempre

igual, qualquer que seja o partido. Eles acabam colocando a ânsia de se manterem no poder a qualquer custo, na frente de outros valores, como o respeito à coisa pública e ao engrandecimento do país. Além disso, têm uma tendência macabra a procurarem encher o bolso. Eu conheci um diretor da Caixa, que após alguns goles de uísque, costumava dizer o seguinte:

- Se eu não roubar como vou depois pagar os advogados para me defenderem? Eu sei disso por experiência própria, pois tenho alguns processos nas minhas costas, e nem sempre eu fui culpado do que estava sendo acusado.

Ele era um corrupto ético.

OS ESPAÇOS VAZIOS DE PODER SÃO OCUPADOS DESORDENADAMENTE

Gary Becker, prêmio Nobel de economia em 1992, tem algumas teorias singulares e extremamente lúcidas. Uma delas versa sobre o tráfico de drogas ou mercado de tóxicos. O ilustre economista, cujo conhecimento econômico é incontestável, defende a tese da legalização do tráfico de drogas. A sua teoria é clara. Durante a lei-sêca nos Estados Unidos bebeu-se mais do que em qualquer outra época. Talvez o charme da ilegalidade tenha sido a razão desta sede tão incomum. Outros vão encontrar diferentes razões para esta bebedeira, e uma delas certamente será a difícil situação econômica dos Estados Unidos. Era a grande depressão e as pessoas estavam angustiadas. Com o fim da lei-sêca temia-se que os Estados Unidos se transformasse num país de bêbados, porém nada disso aconteceu, pelo contrário o consumo per capita de bebidas diminuiu. Estes são os fundamentos de Gary Becker para liberar o comércio de tóxicos.

O meu filho Erik morou um ano nos Estados Unidos, mais especificamente na cidade de North Kingstown no Estado de Rhode Island. Naquele país os menores de 21 anos não podem consumir bebidas alcoólicas. Erik acostumado aqui no Brasil onde sempre bebeu conosco em casa ou em bares, estranhou a proibição. Até aí tudo bem, se não fosse o costume da juventude americana de todo fim-de-semana, às escondidas, embebedarem-se até não conseguirem andar. No Brasil, devido a liberdade que damos aos nossos filhos, não costumamos ver esse tipo de cena. Ou não costumávamos naquela época, pois as coisas atualmente estão mudando e os problemas realmente são outros, talvez até piores.

É claro que a proibição desperta o interesse pelo consumo. Esta é a base da teoria de Gary Becker. No Rio de Janeiro cada morro ou favela é dominado por um grupo de traficantes. São frequentes as disputas entre eles. O domínio de um ponto de comercialização de tóxicos é uma fonte muito grande de dinheiro. É muito comum o presidente da associação de moradores de uma favela ser assassinado. A causa está sempre no conflito de interesses, e prevalece o poder do mais forte. Nos morros vigora um governo paralelo com leis próprias ditadas pelos próprios traficantes: Não existe nem advogados e nem juizes. Recentemente um grupo de pivetes no morro do Borel foi justificado com tiros nas mãos. Cometeram o crime de roubar a mulher de um dos traficantes e dono do morro. Ninguém pode negar que estamos frente-a-frente com uma anarquia, onde o poder do Estado desapareceu frente à novas fôrças que se impõem.

A polícia, vez por outra, reúne um aparato imenso e decide vasculhar os morros, ou pelo menos fingê-lo. Casas são invadidas e direitos dos moradores são desrespeitados. Trata-se na verdade de uma mera encenação visto que no dia seguinte o poder continua na mão dos traficantes. O antigo general Newton Cruz,

sem ter nenhum programa de governo e nenhuma experiência administrativa, conseguiu quase um milhão de votos para a sua candidatura a governador do Estado do Rio, apenas afirmando que iria acabar com a criminalidade. Um jornal do Rio, recentemente publicou uma foto na primeira página de uma fila para comprar tóxico num dos morros da cidade. Na verdade, a polícia ganha mal e é mal aparelhada, e mesmo assim custa caro financeiramente e socialmente ao Estado todo este trabalho de repressão aos tóxicos, e mesmo assim, continua sendo mal feito. A política de implantação das UPPs nas favelas não modificou esse quadro. Os traficantes continuam dando ordens e mandando nas favelas.

Gary Becker afirma que o Estado pouparia muito dinheiro caso liberasse o tráfico de entorpecentes. Segundo ele, a partir do momento que houvesse liberdade para comprar-se maconha, cocaína e outros produtos semelhantes, haveria uma queda imediata do consumo. Os traficantes virariam comerciantes. O Estado aumentaria a sua arrecadação criando um imposto alto sobre a venda dos entorpecentes. O custo do aparato policial diminuiria. Os policiais teriam mais tempo para preocuparem-se com outras atividades. O dinheiro do novo imposto poderia inclusive ser usado no aparelhamento do aparato policial. E o que é mais importante, o governo anarquista existente nos morros desapareceria.

Não existe jogo do bicho nos Estados Unidos. Talvez seja essa a razão de Gary Becker não ter incluído o jogo do bicho nas suas teorias. O Estado tentou através das inúmeras loterias oferecidas pela Caixa Economica Federal substituir ou sobrepor a atuação dos bicheiros. Não conseguiram. Quando falamos anteriormente sobre os traficantes, esquecemos-nos de citar os milicianos, normalmente oriundos das forças oficiais de repressão, mas que acabam ocupando as áreas reservadas aos traficantes.

Antigamente o governo, mas não o povo, reclamava do jogo de bicho. Cabe apenas lembrar que o jogo do bicho já faz parte da história brasileira, e o povo brasileiro gosta desse jogo.

As comunidades são divididas entre os traficantes e milicianos por áreas. Um não invade a área do outro. Quando isso ocorre a guerra é implantada e quem sofre são os moradores dessas comunidades alvo das disputas. Serviços de televisão a cabo, gás e outros, são fornecidos pelos milicianos ou até traficantes para as áreas sob o seu domínio. Mesmo com a implantação das UPPs no Rio de Janeiro, esse quadro praticamente não mudou. Não foi quebrado ainda o poder paralelo que existe nessas comunidades. Numa favela próxima a minha casa os moradores não pagam contas de luz. Um rapaz que mora no local me disse que no verão os aparelhos de ar condicionado costumam ficar ligados o dia inteiro a custo zero. Também não pagam água e nem a televisão a cabo.

O prefeito Eduardo Paes do Rio de Janeiro, no ano de 2009, resolveu dar um choque de ordem na cidade. Tudo aquilo que nunca tinha sido feito ele resolveu

fazer. Descobriu estarecido que em várias favelas existiam prédios de quatro, cinco e até mais andares. A maioria dos prédios era de empresários que viviam fora das favelas. Como nas favelas eles podiam construir sem nenhuma burocracia, ficava mais fácil construir ali do que em outros locais onde existiam regras, impostos, leis, etc. Quem passa pela Rocinha pode notar a existência de inúmeros prédios no meio da favela.

O INFERNO DE DANTE É AQUI

O renascimento do anarquismo no Brasil é marcado por uma crise de moralidade. Os conceitos de moral que marcaram a vida dos nossos avós desapareceram. O respeito pelas pessoas foi substituído pelo individualismo. Padrões pequenos de respeito às regras, como parar o carro num sinal vermelho, desapareceram. Para onde irá a sociedade brasileira? Esta é a dúvida que nos atormenta. O anarquismo, como já mostramos através de diversos exemplos, convive lado a lado com o modernismo e a miséria. Qual será o resultado deste desequilíbrio de valores, onde poucos ganham muito e muitos ganham pouco. Será que o anarquismo não é a consequência de certos desacertos sociais com os quais há mais de vinte anos estamos sendo obrigados a conviver? Tudo é razão para especulação. Será que a crise de moralidade tem alguma coisa a ver com a crise política e econômica? Uma coisa é certa, o enfraquecimento do Estado está abrindo espaço para forças paralelas, que não se assemelham ao anarquismo empírico onde a igualdade social era uma das sustentações.

O governo petista contribuiu ainda mais para aumentar esta confusão. Os escândalos de corrupção pipocaram em todos os níveis e a maior parte foi empurrada para baixo dos tapetes. Como o exemplo deveria vir de cima, ficamos todos sem referência. Aliás, o pessoal de baixo, como vereadores e prefeitos, também se acham no direito de meter a mão.

Há poucos meses fui ao Maracanã assistir a uma partida do Flamengo, meu time, pelo campeonato brasileiro de futebol. Na saída do estádio, atordoado pela derrota frente ao Cruzeiro, eu descia a rampa acompanhado por duas sobrinhas adolescentes. Neste momento eu vi uma cena que me estarreceu: dezenas de homens urinavam nos muros que ladeavam a rampa de descida. Havia ali um imenso banheiro ao ar livre. Tive a oportunidade de voltar ao Maracanã outras vezes e a mesma cena se repetia. Estava ali rompido um dos limites entre o íntimo e o público. Quem sabe no futuro não veremos homens ou até mulheres defecando nas rampas de saída do Maracanã. O mendigo que invadiu o quiosque do Banco 24 Horas para defecar talvez tenha sido um precursor. No Brasil as pessoas urinam nas ruas sem nenhum constrangimento, é um ato quase que corriqueiro.

A eleição para deputado federal de 1994 marcou a volta de políticos que a menos de um ano antes faziam parte da máfia do orçamento. Voltavam agora com imunidade parlamentar. O fenômeno PC foi o ponto alto dos anos de corrupção que vem marcando os governos que se sucedem no Brasil. A impunidade estimula as pessoas a tentarem tirar vantagem desta situação. O PC imaginava

que nunca seria punido e por isso foi ampliando a sua área de atuação até chegar ao ponto do exagero. Só foi preso porque roubou demais. A sua morte ainda é um mistério. Ninguém está querendo uma sociedade de padres, onde nada seria permitido, mas também não queremos outra onde tudo é permitido. Na Suécia as pessoas não urinam nas ruas e nem na Inglaterra com seus temíveis torcedores vemos pessoas urinando nas rampas de saídas do estádio de Wimbledon. Será que a miséria nos tira a dignidade? Será que a miséria nos transforma em seres extremamente individualistas? Ou será que os exemplos dados pelos políticos nos liberam de qualquer moralidade? A ditadura estabelecia limites absurdos de comportamento onde até uma foto da magnífica obra de Michelangelo, o David, foi proibida pelos militares. Diziam que era um atentado a moralidade. Quem eram eles para falar em moralidade? O fim da ditadura com todos os seus absurdos talvez tenha nos levado a uma sociedade que ainda não definiu os seus limites. Estamos tão perdidos que chegamos a eleger, na primeira eleição livre em trinta anos, um louco para presidente.

Anos depois, elegemos um ex-operário para presidente. Eu, particularmente, em 2002, com uma lágrima nos olhos e vendo o discurso de posse do Lula, achava que o país finalmente estava mudando. Como petista que era na época, defendia a bandeira da ética na política. Eu não sabia realmente como era inocente. Depois de inúmeros casos de corrupção, da transformação do governo em abrigo de sindicalistas incompetentes e outros apaniguados políticos, descobri que o PT era igual aos outros partidos do Brasil, ou quem sabe, pior. Quando o exemplo não vem de cima, o povo fica sem um norte para se guiar. O PC, assessor financeiro do Collor, era apenas uma aprendiz de ladrão perto da turma que tomou posse do estado mais recentemente.

Mais de dez anos depois, a história volta a se repetir, e, segundo Marx, ela só se repete como uma farsa. Devido a diversas picaretagens que promoveram no decorrer de seus mandatos diversos deputados e senadores estavam com os seus mandatos ameaçados e acabaram renunciando para não serem caçados. Em outubro de 2006, a maior parte desses políticos voltou a vida pública pelo voto popular. O Rio de Janeiro marcou presença nessa votação, trazendo de volta um grande número de políticos, pois era daqui a maior representação de políticos envolvidos em escândalos.

Há alguns anos atrás fui ao antigo Canecão, a famosa casa de espetáculos do Rio de Janeiro, um dos templos da música popular brasileira. Ao estacionar o carro fui abordado por uma dessas figuras que só existe na estrutura social brasileira, o guardador de automóveis, ou melhor, flanelinha. O preço cobrado era equivalente a um ingresso para entrar no Canecão. Caso você não pague o prejuízo é muito maior. Embora revoltado paguei o valor estabelecido. Na saída não encontrei nem sombra do guardador. Este é apenas um exemplo de um fenômeno que se repete na porta de qualquer restaurante, estádios ou casas de

espetáculos. Você paga para não ter o seu bem danificado. Como ocorria nos Estados Unidos na década de 30.

Eu estava no Rio de Janeiro mostrando nas nossas belezas típicas a uma amiga americana que passava uns dias na minha casa. Depois de visitarmos o Pão-de-Açúcar e o Corcovado paramos na Praia de Copacabana para jantarmos. Quando estacionamos surgiu aquela figura tão nossa conhecida: o flanelinha.

- What is that? – quis saber a assustada americana.
- He is a little flanel! – falei brincando.

Durante todo tempo que ficou no Brasil, ela frequentemente me perguntava porque dávamos dinheiro para uma pessoa que não fazia exatamente nada. Eu procurava não tentar explicar o inexplicável.

- I don't know! – costumava responder.

Na verdade ela entendeu que estávamos sendo extorquidos, mesmo porque a história americana tinha muitos exemplos de extorsão, como tinha ocorrido em Chicago.

- Why don't you call the police? – perguntava ela espantada.

A ausência de governo nos coloca em situações de confronto com os grupos organizados que ocupam esses espaços vazios. Como não temos forças para impor as nossas condições, somos obrigados a nos submeter às regras ditadas pelo novo poder. Como os traficantes e os bicheiros, os guardadores de automóveis também têm a sua área de atuação delimitada pela força. Da maneira como está se delineando a sociedade brasileira, certamente outros grupos irão no futuro ocupar novos espaços, e novamente estaremos submetidos aos “novos poderes”. É claro que algumas cidades como João Pessoa ou Curitiba apresentam menores índices de rompimento social, assim como o problema é menor nas cidades pequenas, porém é necessário que repensemos a forma de evolução do modelo social atual. Se vamos partir para um sistema anárquico, então vamos procurar usufruir o que ele tem de melhor que é a igualdade social.

Pior que a máfia dos pobres é a máfia dos ricos. Tomemos como exemplo as grandes empresas de ônibus privadas de transporte público. Estas empresas, especialmente nas linhas intermunicipais e interestaduais, rateiam o mercado entre si. Uma não entra na área de atuação da outra. Os preços são estabelecidos livremente. Nós pobres usuários somos obrigados a pagar os preços que a empresa monopolista estabelece, mesmo sendo o serviço uma porcaria. Pagamos muito mais a estes ricos empresários do que aos guardadores de automóveis. Seria muito mais justo iniciar o combate à anarquia por cima. Situação pior ainda é a dos meios de comunicação onde cerca de doze famílias controlam os principais meios de comunicação do país. Sendo que uma delas deve ter um poder equivalente a 30 ou 40% do total. O que é pior, ter a sua mente dominada por uma tela brilhante ou ter o seu bolso assaltado por um guardador

de automóveis? Quem tem mais poder o presidente do Brasil ou o presidente da Rede Globo de Televisão? A anarquia da miséria nos revolta porém existe também um outro poder, muito maior do que o poder do Estado, que aceitamos sem questionamento.

Os donos de ônibus elegem deputados e vereadores e passam a governar em causa própria. A imprensa do Rio de Janeiro tem feito uma campanha sistemática contra o poder estabelecido por estas empresas que transformam o trânsito da cidade num caos. Numa cidade, onde o transporte marítimo poderia ser uma ótima alternativa para desafogar as ruas, como ocorre em Hong-Kong, recentemente incorporada ao domínio chinês, vimos justamente acontecer o contrário. O número de usuários das barcas que fazem a travessia da Baía de Guanabara vem caindo anualmente. Projetos como o da ligação entre Praça XV-São Gonçalo ou a Linha 3 do Metrô e outros, não conseguem sair do papel. A pressão das empresas de ônibus é muito grande. Situação semelhante ocorre com o metrô e os trens suburbanos. A única alternativa é encher as ruas de ônibus.

O inferno de Dante é aqui. A igreja da Candelária, um dos símbolos arquitetônicos da cidade do Rio de Janeiro, teve as suas torres pintadas por grafiteiros. O mesmo ocorreu com o relógio da Central do Brasil. Grafiteiros paulistas já vieram ao Rio apenas para pichar a estátua do Cristo Redentor, um dos símbolos da cidade. Dois argentinos, empolgados com as pichações que viram por aqui, resolveram pintar as paredes internas do Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro. As obras do mestre Aleijadinho, em Congonhas do Campo, Minas Gerais, vêm sendo há anos danificadas por pessoas que escrevem nomes, datas e que até arrancam pedaços das esculturas em pedra sabão.

O metrô de Nova Iorque até pouco tempo atrás era sujo e todo pintado por grafiteiros. No entanto a prefeitura conseguiu recuperá-lo. Há alguns anos atrás podíamos afirmar que o Metrô do Rio era um exemplo de limpeza e de bom comportamento dos usuários. Tínhamos no mesmo povo dois tipos de comportamento, conforme o local onde estivesse. O sujeito que está lendo um jornal no metrô do Rio de Janeiro, sentado educadamente, certamente é o mesmo que estará no fim-de-semana urinando nas rampas do Maracanã e avançando os sinais nas ruas. Mas vamos voltar aos grafiteiros.

O grafiteiro é um anarquista por excelência. Renega a própria história. Pregam a destruição numa estranha forma de competição onde ninguém identifica os vencedores, só eles próprios. O grafiteiro não é um anarquista que ocupa um vazio de poder, como os traficantes e os bicheiros, ou num grau diferente os carecas do Brasil ou os guardadores de automóveis, na verdade ele é uma espécie de alienado.

Um vizinho acordou no meio da noite com o barulho de pessoas andando no telhado da sua casa. Correu para a porta de entrada e foi surpreendido por um sujeito armado que lhe deu o seguinte conselho:

- Fique quieto que nada lhe vai acontecer. Estamos apenas resgatando um balão que caiu no seu telhado.

Mais uma vez o cidadão comum se defronta com um grupo que invade os seus direitos e define as suas regras. Os baloeiros, assim como os grafiteiros, são uma espécie de alienados da sociedade. Não poderíamos dizer que são anarquistas, pois lutam por um objetivo, que é apanhar o balão. Aos vencedores um monte de papel colorido e queimado. Pelo menos os catadores de papel são miseráveis procurando um meio de manter a sua sobrevivência. Os baloeiros são pessoas da classe média, certamente de pouca cultura, que estabelecem as suas próprias leis. É claro que a fraqueza do Estado mais uma vez propicia o surgimento de grupos que estabelecem as suas próprias regras. Na Refinaria de Duque de Caxias, durante os meses de junho e julho, equipes se revezam apenas vigiando os céus, à procura de balões cuja queda, naquela região, poderia provocar uma imensa catástrofe. Os resquícios de mata atlântica que ainda nos restam vêm sendo constantemente destruídos por incêndios provocados por balões.

O Jornal O Globo de 20 de maio de 2009 trazia numa das páginas internas o seguinte título: Balão aceso cai na Base Aérea do Galeão. Não é brincadeira. Existem idiotas que soltam balões nas proximidades do aeroporto internacional do Rio de Janeiro. Ou seja, os baloeiros são mais idiotas do que nós imaginávamos. Não contentes em queimarem as matas agora querem derrubar aviões. Segundo o corpo de bombeiros no primeiro semestre de 2008 foram apreendidos 158 balões e cerca de 194 mil pessoas ficaram sem energia elétrica devido a acidentes causados por balões. Segundo o comandante dessa corporação o custo do combate a um incêndio numa floresta fica em torno de 70 mil reais. E mesmo assim ainda existem idiotas que soltam balões.

Você é um cidadão comum. Uma pessoa normal. Anda pelas ruas e vê os monumentos, alguns com mais de 300 anos, pichados com frases sem nexo. Olha para o céu e vê os balões que irão cair nas matas que são o último resquício do que aqui existia quando os portugueses desembarcaram no século XIV. Você sabe que o jogo do bicho é proibido, mas não se espanta vendo o guarda na esquina fazendo a sua "fézinha". Na televisão o bicheiro aparece abraçado com o prefeito. Você segue o seu caminho tranquilo, talvez conjecturando sobre o governo anarquista paralelo que aos poucos vai ganhando força no Brasil. Mas não fique tão relaxado meu amigo, na mesma rua onde você anda distraidamente, dezenas de jovens, sem camisa, vem correndo na sua direção. Meu amigo, a sua tranquilidade acabou, é o arrastão!

A primeira vez que vi um arrastão foi em Salvador, Bahia, durante o carnaval. Ao som de um Trio Elétrico, uma turista estrangeira foi literalmente depenada por

dezenas de pessoas. Isso ocorreu no início da década de 80, e as cenas mostradas na televisão para todo o Brasil foram de uma violência indescritível. Na década de 90 cansamos de ver pela TV as cenas canibalescas nas praias do Rio de Janeiro. Eu já vi um turista na Cinelandia ter as suas bermudas rasgadas por dezenas de pivetes. O pobre turista ficou de cuecas samba-canção em plena avenida Rio Branco às três horas da tarde de uma sexta-feira.

As últimas estatísticas do IBGE mostram que de 1980 até meados da década de 90, a renda dos assalariados diminuiu cerca de 30%, enquanto que os empresários aumentaram o seu ganho em 2%. Em outras palavras, considerando-se o aumento populacional, tivemos um crescimento da concentração de rendas. Segundo Zuenir Ventura no seu livro *Cidade Partida*, o Rio de Janeiro tinha no início do século apenas uma favela e hoje tem cerca de quinhentas favelas. O arrastão é um fenômeno típico deste grave quadro social, onde os empresários querem cada vez mais aumentar o seu lucro e não têm nenhuma preocupação com a população pobre. Os miseráveis se uniram e estão começando a tomar a sua parte a força. É o que os sociólogos chamam de *apartheid social*. O que nos preocupa é que a união da massa miserável com o poder armado e organizado dos traficantes possa levar a um conflito social onde a estrutura da sociedade seja mudada.

Os anarquistas franceses do século passado saíam pelas ruas saqueando lojas. No Brasil, mais de um século depois, o fenômeno se repete. Aqui, no silêncio da noite, grupos de pessoas pobres, famintas, se reúnem na porta de um pequeno supermercado de subúrbio. Vai começar mais um saque. São os anarquistas da miséria, e não é um movimento urbano, pois os sem-terras também recorrem a este mesmo método quando estão famintos. Quem vai culpar estes pobres homens que roubam para comer, na mesma rua onde um rico empresário desfila no seu carro importado? A miséria transforma as pessoas, faz surgir no meio dos conservadores, os anarquistas que a história trazia guardados na memória. Não existe a ideologia do passado, apenas a fome. A única coisa que os une é o gesto, a negação do poder constituído.

Num shopping perto de onde moro, como em todos outros estabelecimentos comerciais semelhantes, existem vagas reservadas para gestantes, idosos e deficientes. Como estão próximos das entradas, são realmente vagas privilegiadas. O interessante é que estão sempre ocupadas, o que nos leva a imaginar que os velhinhos gostam de passear pelo shopping, o que não é verdade. Basta ficar alguns minutos observando o movimento nessas vagas para constatar que pessoas sem nenhum dos predicados necessários estacionam os seus carros nesses locais. Não pense em repreendê-las, pois você poderá sofrer graves consequências por este ato insano.

O inferno de Dante realmente é aqui. Diversas formas de poder se sobrepõem ao poder constituído. Existem tantas outras forças além das que citamos, que ficaria

muito cansativo listá-las, como por exemplo, o movimento funk e as galeras. Seriam eles também anarquistas? Será que a fraqueza do Estado é temporária ou será que dias piores ainda virão? Será que ainda viveremos num imenso Haiti ou vamos singrar o Atlântico na direção dos mares do norte; como nos anúncios e novelas da televisão?

OS ANARQUISTAS DE TERNO E GRAVATA

Afirmam os economistas que cerca de 50 bilhões de dólares circulam clandestinamente na economia brasileira. Sobre esta imensa soma de dinheiro não incide nenhum imposto direto. Os homens que conseguem fazer esta mágica são os anarquistas de terno e gravata. Ao contrário dos saqueadores, que lutam pelo arroz e feijão, os engravatados anarquistas lutam por um almoço no Florentino, no Antonio's, no Rio's, ou em outros lugares cujos nomes constam das colunas sociais. De uma forma pejorativa também são anarquistas, pois negam o poder do Estado. Não pagam impostos, pois acham que o governo cobra muito e gasta mal. O famoso "caixa dois" é uma unanimidade no meio empresarial brasileiro. Talvez até Bakunin se surpreendesse com a forma de agir do nosso empresariado. Estes anarquistas engravatados conseguiram o feito histórico de fazer sumir 50 bilhões de dólares.

Um amigo entrou numa botique de um famoso "shopping" center do Rio de Janeiro. Comprou duas camisas, pagou com dinheiro e pediu a vendedora que emitisse uma nota fiscal. A moça estranhou o pedido:

- Eu vou dar-te um cartão com a minha assinatura e qualquer coisa você volta aqui que fazemos a troca da mercadoria.
- Tudo bem, mas eu quero também a nota fiscal - insistiu o meu amigo.
- Para que você quer uma nota fiscal. O meu cartão é suficiente.
- Para saber se vocês estão pagando os seus impostos assim como eu pago.

Quando ele contou esta história até eu achei que o amigo estava sendo chato demais, imaginem a vendedora. No entanto, em qualquer país da Europa ou Estados Unidos a nota fiscal é emitida sempre, queira ou não o comprador. Aqui no Brasil, talvez pela deficiência da fiscalização, as notas fiscais nunca são emitidas, salvo quando o comprador exige. Desta forma os impostos são pagos sempre pelos assalariados, que pagam muito para compensar o não pagamento dos outros.

O escândalo do governo Collor com todos os seus desdobramentos, mostrou o lado sujo das alianças entre os empresários e o setor público. Obras superfaturadas para compensarem os gastos de campanha e outras maracutais mais, que no final são pagas pelos poucos contribuintes. A quadrilha que tomou conta do país por dois anos, roubando milhões de dólares, faz do flanelinha que extorque um real do motorista um pobre coitado. No entanto o que veio depois com a entrada dos petistas no governo transformou os corruptos anteriores em ladrões de galinha.

As falcatruas levantadas pelo CPI dos Precatórios colocou a nação mais uma vez frente-a-frente com um esquema de roubalheiras montado por políticos e empresários. Nós quase que ficamos com pena dos traficantes quando vimos o que estes senhores educados e bem vestidos fizeram para roubar o dinheiro público. Num país onde a classe dominante política e financeira mostra ser muito mais desonesta que o pobre coitado que rouba para comer, é muito difícil criarmos um padrão moral de uma nova sociedade. Quem é mais nocivo a sociedade? O grafiteiro que suja a Igreja da Candelária no Rio de Janeiro ou o político em Brasília que desvia o dinheiro público? Ou o empresário que não paga impostos? Os anarquistas de terno e gravata, partilham o nosso dia-a-dia, aparentemente são pessoas normais, e muitas vezes reclamam dos grafiteiros que sujaram os nossos monumentos históricos. Eles nunca fariam uma sujeira dessas.

O escândalo da Petrobrás certamente colocou todos os outros no bolso. Nunca presenciamos um assalto tão vergonhoso aos cofres públicos.

Anos depois vimos que o partido dos trabalhadores, com toda a sua bandeira de ética e respeito a coisa pública, também rezavam da mesma cartilha que o Collor e os seus asseclas. São todos gatos, ou quem sabe ratos, do mesmo saco.

Na porta de embarque do voo da TAM de Nova Iorque - Rio uma fila bem comportada de brasileiros esperava pelo momento de entrar no avião. No Rio de Janeiro, no portão de embarque do voo da TAM para Brasília, um bolo de engravatados senhores tentavam de alguma forma burlar uma suposta fila para ganhar alguma vantagem no embarque. Muitos talvez pudessem estar alguns dias antes na fila de Nova Iorque e posteriormente na fila do Rio, embora com comportamentos completamente diferentes. Eu já vi um país dois sistemas, com relação à China e Hong-Kong, mas não conhecia ainda um povo duas culturas.

Quando Lula foi eleito presidente em 2002 e discursou na sua posse em 2003 eu estava em Foz do Iguaçu. Pela televisão eu vi o seu discurso e não pude conter as lágrimas nos meus olhos. Em todas as eleições anteriores eu tinha votado no Lula e no partido dos trabalhadores (PT). Inocentemente eu acreditava que estava votando no partido da ética, pois era esse o discurso dos seus inúmeros candidatos. A minha inocência não durou muito, em poucos meses começaram a estourar os casos de corrupção em todos os níveis do governo, pois os tais sindicalistas, estavam famintos, pois nunca tinham tido acesso ao pote e queriam também se lambuzar.

Eu aprendi, da forma mais dura, uma lição que me vai acompanhar para o resto da vida, não existe político honesto. Todos são iguais nas suas mentiras e nas suas inúmeras falcatruas. O PT apenas é mais um desses partidos iguais as dezenas de partidos que existem no Brasil. Não escapa nenhum. Ou seja, ser honesto e ser político são coisas incompatíveis.

Talvez a diferença entre os políticos ocorra no nível da gestão administrativa, e neste quesito o pessoal do PT é realmente muito ruim, pois eles gerenciam o estado como se estivessem dentro de um sindicato, dando cargos a torto e a direito para os seus apaniguados políticos. Um dos maiores absurdos da entrada no PT no governo foi a indicação de uma senhora especialista em parques e jardins para presidir o INCA, hospital que era referência no Rio de Janeiro e no Brasil, no tratamento do cancer. A tal senhora, cuja única qualificação era ser petista de carteirinha, levou o famoso hospital a um período de decadência administrativa nunca antes visto na sua história.

Para aqueles que estiverem interessados em entender como foi a roubalheira do pessoal do PT no governo eu sugiro os livros O Chefe de Ivo Patarra e A Década Perdida de Marco Antonio Vila. Não há mais nada a ser dito além do que já foi registrado nesses livros. A não ser que o leitor esteja interessado nas picaretagens mais recentes, após 2014, não cobertas ainda pelas edições atuais desses livros.

A Prainha, na Praia de Piratininga, em Niterói, é um recanto muito bonito e agradável. De 2ª a 6ª feira, se não for nenhum feriado, é o lugar ideal para quem quer relaxar num ambiente de águas calmas e clima ameno. Nos fins de semana tudo muda. Uma orla de pessoas, que não sabemos exatamente de onde vêm, invadem o paraíso. Os motoristas abrem as malas dos seus carros para liberarem um som muito alto tocando músicas horríveis, outras dançam e bebem. A paz dos outros dias desaparece num passe de mágica. São esses os novos donos do pedaço. Se alguém estacionar trancando o seu carro, não se preocupe, comece a dançar, ou pular, e a beber, pois até às 20 horas ele estará liberado.

QUANDO SE ESPERAVA QUE NADA MAIS FOSSE ACONTECER, SURGIRAM AS VANS E OS MOTO-TAXIS.

O transporte público no Rio de Janeiro e adjacências, como Niterói, São Gonçalo, Caxias e outras cidades sempre foi muito ruim. Nunca houve por aqui um plano de transporte público, ou pelo menos, um plano que pudesse ter sido levado a efeito. A construção do metro ser arrasta há mais de trinta anos e normalmente avança no meio de inúmeros percalços entre indas e vindas. Os engarrafamentos são constantes, os onibus normalmente quentes e desconfortáveis, e os trens não atendem a padrões mínimos seguidos por outros países mais exigentes.

Em Genebra na Suíça os ônibus urbanos têm os seus horários de chegada afixados nas paradas. Isso acontece também em inúmeras outras cidades por toda Europa. Aqui não conseguimos nem mesmo definir horários de partida para os aero-barcos, e, lembre-se que na Baía de Guanabara não tem engarrafamento e nem trânsito. Tudo é feito sem nenhum planejamento, ou seja, a hora que chegar está bom. As vezes os onibus nem aparecem.

Nessa confusão que já vinha nos atormentando há muitos anos, alguém descobriu que havia uma brecha para que um outro meio de transporte pudesse ser introduzido. Para nosso infortúnio surgiram as vans. Se não bastassem as vans, vieram juntos uns motoristas que não sabemos exatamente de onde vieram, e nem mesmo se são motoristas profissionais, mas apenas os julgamos pelo que vimos nas ruas. E o que vimos é muito mal. Eles não costumam respeitar nenhuma regra elementar de trânsito. Avançam sinais, param para pegar e descarregar passageiros em qualquer lugar. Fazem o diabo. E nós que reclamávamos da situação ruim com os ônibus agora estamos pasmos vendo o surgimento do meio de transporte mais anárquico que existe. Se alguém pensou em cobrar dos nossos dirigentes um plano de transporte urbano, desista. Ninguém pode planejar as vans.

Os motoristas de vans fazem ginásticas ao volante para desrespeitar ultrapassar veículos que por algum motivo resolvem respeitar as regras de trânsito. Piscam o farol, buzina e xingam aqueles que cumprem as leis. Comportam-se como se as suas regras fossem outras, diferentes daquelas a que os demais motoristas precisam seguir.

Visitando Goiânia, a aprazível e bela capital do Estado de Goiás, no ano de 2009, constatei surpreso que em Goiânia não tinham vans e nem camelôs. Esses últimos foram retirados das ruas e colocados num espaço coberto para comercializarem os seus produtos. No caso das vans, que é mais emblemático, elas não existem apesar do transporte público deixar muito a desejar. Essa

situação, ou seja a ausência das vans, ou para ser mais explícito, transporte alternativo, é comum em centenas ou talvez milhares de outras cidades do Brasil.

Para citar algumas importantes, temos Porto Alegre, Curitiba e Belo Horizonte. Nesta última as vans chegaram a imperar mas foram expulsas. É impossível ter-se uma política de transporte público decente se as vans fazem o que bem entendem. No grande Rio as vans imperam. Tudo o que não conseguem fazer nas outras cidades brasileiras podem fazer com muita desenvoltura pelas terras cariocas ou fluminenses. Quem controla as vans são milicianos e traficantes. Apesar de não cumprirem nenhuma regra de trânsito, estão isentas de multas. Ou será que alguém já viu uma van pagando multa? Aqui, no Rio de Janeiro, onde o povo com arrogância costuma dizer que estão no centro do Brasil, ou na parte mais importante do país, por aqui os governantes omissos e sem pulso se sucederam. O resultado é o caos que vivemos no nosso dia a dia. Essa é a chamada República Anarquista Carioca.

No entanto, quem pensava que as vans eram o que de pior poderia acontecer ao trânsito do grande Rio, se enganou redondamente. Surgiram do nada os moto taxis. Os donos desse transporte são os de sempre, e os responsáveis pelo seu surgimento, também são os de sempre. Uns se impõe e os outros fecham os olhos. Um faz o que bem entende e o outro finge que não vê.

E A REPÚBLICA ANARQUISTA BRASILEIRA?

Não se sabe por que, D. Pedro II resolveu no final do século passado, incentivar no Brasil experiências comunitárias. Talvez o velho fidalgo, tão sensível às novas idéias, e calcado na sua imensa cultura, tenha lido naquela época as teorias de Karl Marx. Ou quem sabe, algum artigo sobre a imensa polêmica travada entre o mestre do comunismo e Bakunin, o teórico do anarquismo, o tenha sensibilizado. D. Pedro II foi deposto muito antes que as suas experiências produzissem algum resultado prático. O que se sabe é que desembarcaram no Brasil centenas de anarquistas dispostos a instalar aqui as suas comunas. A mais famosa destas comunas, instalada no Paraná, foi a Colonia Cecília idealizada por um italiano chamado Giovanni Rossi. Foi uma experiência mal sucedida, mas que deixou sua marca na história do Brasil como símbolo do movimento anarquista na América Latina.

Junto com esses anarquistas vieram outros, que defendiam outras correntes de pensamento, notadamente espanhóis e italianos, conhecidos como os anarco-sindicalistas. Eles defendiam um Estado formado por representantes de todos os sindicatos de trabalhadores. A origem do movimento sindical brasileiro está no trabalho destes homens, que conseguiram a proeza de parar o Brasil numa greve geral em 1917.

A criação do Partido Comunista Brasileiro, ocorrida em Niterói no ano de 1922, enfraqueceu a atuação dos anarquistas dentro dos sindicatos, que foram aos poucos cedendo os seus lugares aos comunistas.

No mesmo período, a única experiência bem sucedida da criação de um Estado Anarquista, no caso a Ucrânia, era destruída pelas tropas russas comandadas por Leon Trotski. O comunismo começava a crescer e ocupando os mesmos espaços outrora ocupados pelos anarquistas, especialmente dentro do movimento sindical.

Quando todos pensavam que o anarquismo era assunto para os livros de história, o Brasil surpreende o mundo com uma experiência inovadora, com o seu povo outrora ordeiro insistindo em contestar o poder do Estado. Não temos aqui um anarco-sindicalismo, pois não temos um governo de sindicalistas. Os movimentos anarquistas do passado defendiam a liberdade total e a eliminação do Estado poderoso. Defendiam de um modo geral a existência de comunas que sustentavam o aparelho produtivo do Estado. No nosso caso, a situação é muito diferente, pois só existe a negação do Estado, ficou faltando o outro lado que falava da organização.

Todos os exemplos que mostramos alguns até um pouco ridículos, e que também se repetiram exaustivamente, tentavam caracterizar apenas a ausência do Estado em diversas áreas. A resposta para este pseudo-anarquismo ou quem sabe um anarquismo em processo embrionário, o que não pode ser dito sobre o domínio dos morros do Rio de Janeiro pelos traficantes, converge sempre para o mesmo ponto, que é a incompetência do poder público. O Estado brasileiro está fraco. Outras forças surgem para ocupar esta fragilidade. Neste livro citamos uns poucos exemplos de grupos organizados que atuam sem preocupação com as leis ou com o poder formal do Estado. Poderíamos citar centenas de outros casos, porém entendemos que isto cansaria a paciência do pobre leitor, como já pode ter ocorrido com os poucos exemplos que se repetiram. Citamos bicheiros, sequestradores, cabeças raspadas, traficantes, e até, para enfatizar o lado cômico, os anarquistas baloeiros.

Durante o ano de 1994 fomos surpreendidos pelo mar de lama que jorrou da CPI do orçamento. Os nossos deputados, que deveriam legislar, estavam roubando desbragadamente. Roubavam o dinheiro dos 32 milhões de famintos do Betinho¹. E o pior, não foram punidos como deviam, e alguns como, por exemplo, o Roberto Jefferson do Rio de Janeiro, foram reeleitos. É claro que as eleições de 1994 do Rio de Janeiro foi uma das mais fraudulentas da história do Brasil. De qualquer forma, o Congresso é o principal braço do Estado, e será que o povo confia neste Estado? As pesquisas dizem que o povo não confia nos seus deputados e senadores, tanto isto é verdade, que na eleição de 1994, os votos nulos e em branco, somados com as abstenções, atingiram um índice maior do que 30%. Os políticos voltaram ao topo da roubalheira em 1996 com a CPI dos Precatórios. Mais uma vez o dinheiro público vinha sendo usado para outros fins, e, especialmente, desviado para o bolso de uns poucos aquinhoados.

Mudou o governo, mudou o partido do poder, e a roubalheira continuou. As aves de rapina estão cada vez mais vorazes. O que era muito na década de 1990 em 2010 virou migalha. Mantida essa evolução, não sabemos o que vai acontecer nos próximos anos, isto é, se sobrar alguma coisa para ser roubada.

A situação está tão confusa que recentemente um contrabandista ao ser surpreendido com dezenas de aparelhos elétricos na Ponte da Amizade, na fronteira do Brasil com o Paraguai, soltou a seguinte frase:

- E agora, quem é que vai pagar o meu prejuízo?

Pior que esta só a afirmação do PC² numa entrevista a um jornalista:

¹ Herbert José de Souza (1935-1997) mais conhecido como Betinho, foi um sociólogo e ativista dos direitos humanos brasileiros. Foi exilado político durante a ditadura e um dos seus trabalhos mais significativos foi o projeto da Ação da Cidadania Contra a Fome, a Miséria e pela Vida.

² Paulo Cesar Farias foi o tesoureiro do ex-presidente Fernando Collor que sofreu impedimento por corrupção e que foi quem comandou todo o esquema que levou a cassação do citado presidente.

- Precisamos de uma operação mãos-limpas aqui no Brasil, a exemplo do que está ocorrendo na Itália.

Ou como disse o falecido bicheiro Castor de Andrade, ao saber que uma das suas fortalezas havia sido desbaratada:

- Mas que polícia é essa que não me avisou nada!

Os anarquistas clássicos possuíam uma ideologia forte, com princípios de liberdade total, que entravam em choque com o poder coercitivo do Estado. Os nossos modernos anarquistas brasileiros vão ocupando espaços num Estado cada vez mais enfraquecido. Não têm ideologia e são extremamente individualistas, o que pode ser uma sorte, pois caso se unissem seria difícil controlá-los. Imaginem se os miseráveis do Rio de Janeiro, que devem ser mais de 4 milhões, apoiados pelos traficantes resolvessem ocupar a cidade.

Na verdade os baloeiros defendem o poder dos balões, tudo pelos papéis coloridos. Os saqueadores tentam conseguir o que o salário não lhes dá, da mesma forma como fazem o pessoal dos arrastões, que é conseguir alguma coisa que lhes permitam sobreviver. É uma distribuição de rendas ao contrário. No trânsito as leis já foram abolidas, não há sinal vermelho virgem no país. Grafiteiros, galeras, funqueiros, traficantes, bicheiros, são tantos os grupos que não reconhecem o poder do Estado, que podemos dizer que já somos anarquistas sim, graças a Deus!

O problema é que talvez sejamos apenas anarquistas de ocasião, de momento, onde uma situação de fraqueza ocasional do Estado, aliada por uma situação econômica ruim, esteja propiciando o surgimento das bases deste modelo perverso. O meu avô foi despedido da fábrica onde trabalhava porque era anarquista. Isto ocorreu na década de 20, quando o movimento anarquista se confundia com o comunismo emergente. Não temos aqui no Brasil um Bakunin e nem um Giovane Rossi. É um movimento sem lideranças, e portanto sem rumo. Não sabemos o que vai ocorrer no futuro, apenas uma certeza fica o passado não será nunca mais resgatado. **A República Anarquista Brasileira também existe, está nas ruas, e vai muito mal, obrigado.**

A FIFA RESOLVEU FAZER COMO OS TRAFICANTES E TAMBÉM DAR ORDENS POR AQUI

O governo brasileiro teve a infeliz idéia de trazer a Copa do Mundo de Futebol para o Brasil. Na verdade a idéia vai acabar pesando no bolso do povo brasileiro por que os políticos e governantes, apesar de toda a bagunça que imperou nos sete anos que antecederam a realização da Copa em junho e julho de 2014, ficaram muito satisfeitos, pois conseguiram como nunca enxer os seus bolsos. Estádios de futebol com 50 mil acentos em locais, como Manaus, Cuiabá, Natal e Brasília, onde as partidas dos times locais não atraem nem mil pessoas. No entanto os nossos governantes costumam ter sonhos megalomaniacos e nesses momentos só pensam nos seus próprios bolsos ou numa forma de ganhar mais votos. Embora a FIFA tenha afirmado que oito estádios eram suficientes para a realização do mundial o governo brasileiro achou este número pequeno e resolveu acrescentar ao seu bel prazer mais 4 outros estadios.

Não vamos realmente discutir a incompetência gerencial em todos os níveis que marcou a organização da Copa do Mundo de 2014, mas o tema desse nosso trabalho é apenas a parte referente à anarquia que envolveu esse evento. Também não nos interessa o uso atual da palavra anarquia, que também ocorreu nas nossas cidades, mas sim o seu sentido original para definir a ausência de governo.

A regra geral foi a seguinte: nos estádios quem manda é a FIFA. O governo brasileiro pode e deve pular fora, pois essas foram as ordens que os nossos omissos governantes receberam. E foi isso realmente que o governo brasileiro fez, pois a sua preocupação era outra, faturar com as inúmeras obras que antecederam ao evento, embora a grande maioria ainda esteja inacabada e talvez nunca mais vão acabar. Os aeroportos estão todos inacabados, ou como em Brasília, onde a INFRAERO ficou rezando para não chover muito durante a Copa, pois uma chuva forte, que aconteceu dias antes do evento, praticamente alagou o aeroporto. No Galeão, no Rio, os tapumes estão por todos os lados. Em Belo Horizonte um viaduto desabou. Em Manaus não havia comida e nem transporte suficiente para atender aos turistas. A lista é imensa, mas realmente não iremos tratar dessas questões, vamos apenas conversar sobre o regime anárquico que tomou conta de algumas cidades brasileiras e especialmente do Rio de Janeiro, que é o foco deste trabalho. Obras como o VLT de Cuiabá até esta data (2015) ainda está longe de ficar pronto, embora fizesse parte do compromisso firmado com a FIFA, que por sua vez também não é uma entidade confiável.

A Copa de 2010 foi realizada na África do Sul, a atual no Brasil, e as próximas serão realizadas na Rússia e no Qatar. A FIFA não gosta de realizar as suas copas em países organizados e democraticamente estáveis. Eles preferem países onde a bagunça impere e as leis nunca são cumpridas. Nesses países eles se

sentem mais confortáveis para fazerem o que bem entendem. A farra dos ingressos vendidos por cambistas, alguns oficiais e hospedados em caros hotéis, é um dos exemplos sobre as tramoias que rolam por fora dos estádios.

Cabe esclarecer que na parte que coube ao povo brasileiro a copa realmente foi um sucesso. Quem não fez a sua parte foi o governo.

O regime anárquico implantado pela FIFA, nos locais onde o governo não podia dar ordens, foi na questão dos impostos. O governo brasileiro teve que criar uma legislação isentando a FIFA de impostos em todos os ganhos relativos à Copa do Mundo no Brasil. Os álbuns de figurinhas vendidos por todo o Brasil e que fizeram a festa das crianças brasileiras eram vendidos sem impostos. Enquanto todos os brasileiros e empresas brasileiras sofrem com a elevada carga tributária do Brasil, a FIFA não pagou nenhum imposto pelos produtos que comercializou por aqui, e olha que não foram poucos. Eu comprei uma camisa cara no Estádio do Maracanã e somente depois fui saber que nenhum imposto estava incluído seu valor de venda. Se soubesse disso não tinha comprado a camisa, que na verdade foram duas, pois comprei uma para o meu filho que mora em Londres. Por ordens da FIFA nenhum imposto poderia ser cobrado. O governo manda nos outros produtos produzidos ou comercializados no Brasil, e a FIFA manda nos seus produtos.

Como muitas brigas ocorriam nos estádios brasileiros, foi aprovada uma lei que proibia a venda de bebida alcólica em qualquer em qualquer estádio. Depois dessa lei realmente houve uma melhora nas confusões que ocorriam nos jogos de futebol no Brasil. O senhor Jérôme Valcke secretário-geral da Fifa foi gravado numa entrevista fora do Brasil dizendo que não era arrogância dele, mas o governo brasileiro teria que mudar as suas leis sobre venda de bebidas alcólicas nos seus estádios. Isso mesmo, disse que não estava sendo arrogante. Na sua versão dar ordens ao governo brasileiro não era arrogância. E o que o governo brasileiro fez? Isso mesmo, criou outra lei sobre venda de bebidas durante os jogos da Copa do Mundo. Liberou a venda de bebida dentro dos estádios para atender ao pedido humilde do senhor Jérôme Valcke. Quem manda no Brasil pode ser o governo brasileiro, mas quem manda nos estádios da Copa do Mundo é a FIFA, e ponto final.

ALGUMAS DICAS PARA SER UM ANARQUISTA BRASILEIRO

1. Ser um Careca do Brasil, aliás, o Esperidião Amim chegou a ser a careca mais perfeita do Brasil, mas lembrem-se nem sempre é dos carecas que elas gostam mais.

2. Não respeitar nenhuma lei de trânsito, o que não é nenhuma vantagem, pois milhões de brasileiros também agem assim. Estão dizendo até que os anarquistas são aqueles que respeitam os sinais vermelhos. Se for verdade, o Caetano Veloso se converteu ao anarquismo há muito tempo, pois é o único brasileiro que respeita o sinal vermelho no trânsito.

3. Não pague mais impostos, seja um camelô. Aliás, é melhor ser um empresário, pois estes é que são os verdadeiros anarquistas da burla ao fisco.

4. Cuidado a sua casa pode também virar uma anarquia.

5. Não se preocupe em jogar no bicho para ser um anarquista, os policiais também jogam e não podem ser considerados anarquistas.

6. Reuna um bando de miseráveis e diga que quando o bolo da economia crescer eles levam a parte deles. Depois os mande esperar dormindo debaixo dos viadutos. Os miseráveis não têm governo. Apenas na Índia a miséria é organizada.

7. Solte balões, seja um baloeiro. Piche monumentos seja um grafiteiro. Vá a um psicanalista, pois ser baloeiro e grafiteiro ao mesmo tempo já é demais.

8. Seja um político. Não precisa dizer mais nada, porque neste caso você exagerou na medida.

9. Ocupe um cargo público, pois não é exigido nenhum conhecimento prévio para esses cargos.

10. A frase mais anarquista dos últimos tempos foi dita pelo Ministro dos Esportes do segundo mandato da presidente Dilma: Eu não entendo nada de esportes, mas entendo de gente.

Esqueceram-se de dizer a ele que neste caso deveria ir para outro ministério, talvez Ministério da Psicologia ou do Relacionamento Pessoal.